

Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia da Educação

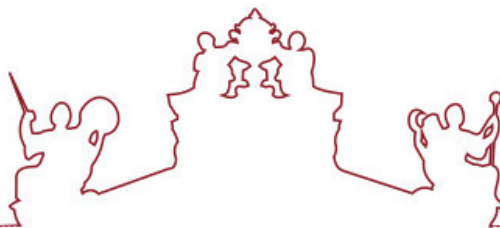
Dissertação

**Sexismo Ambivalente e Valores Pessoais: perspetiva de
estudantes do ensino secundário**

Ana Sofia de Oliveira Fernandes

Orientador(es) | Madalena Melo

Évora 2024



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia da Educação

Dissertação

**Sexismo Ambivalente e Valores Pessoais: perspetiva de
estudantes do ensino secundário**

Ana Sofia de Oliveira Fernandes

Orientador(es) | Madalena Melo

Évora 2024



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Constança Biscaia (Universidade de Évora)

Vogais | Madalena Melo (Universidade de Évora) (Orientador)
Norma da Luz Ferrarini (Universidade Federal do Paraná) (Arguente)

Agradecimentos

Eternamente agradecida,

... aos meus pais, por acreditarem em mim e não me deixarem desistir, mas principalmente pelo tempo que me permitiram ter, sem o qual nada disto teria sido possível;

... ao meu irmão, a pessoa mais importante da minha vida, pela preocupação e por me tentar sempre ajudar;

... ao Filipe, pelo amor e encorajamento;

... à professora Madalena Melo, pela orientação ao longo deste tempo, pela exigência, pela assertividade, mas principalmente, pela paciência;

... a todos/as os/as diretores/as das escolas e diretores/as de turma que apoiaram e facilitaram a recolha de dados e a todos/as os/as participantes por dedicarem um bocadinho do vosso tempo a contribuírem para esta dissertação.

Um agradecimento especial a si, tia Evangelina, que ambicionava tanto esta conquista. Aqui está o seu sonho tornado realidade.

Sexismo Ambivalente e Valores Pessoais: perspetiva de estudantes do ensino secundário

Resumo

A presente dissertação tem como objetivo primordial o estudo do sexismo ambivalente e dos valores pessoais em estudantes do ensino secundário, tendo em conta as atitudes e os estereótipos face aos homens e às mulheres. Para a concretização desta investigação, foi utilizado o Questionário de Caracterização Sociodemográfica, o Inventário de Sexismo Ambivalente e o Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens, adaptado por Costa, Oliveira, Pereira & Leal em 2015 e, por fim, o Questionário de Valores Pessoais, readaptado por Prioste, Narciso & Gonçalves em 2012. A investigação contou com uma amostra de 139 estudantes do ensino secundário, de três escolas da zona do Alentejo e do Médio-Tejo.

Os resultados indicam que, no que se refere ao sexismo, ele manifesta-se não apenas face aos homens, mas também face às mulheres, seja de forma hostil, seja de forma benevolente; que a religiosidade elevada e uma posição política de direita são fortes preditores de sexismo e de valores pessoais hedonistas, e por fim, que quer no sexismo em relação aos homens, quer no sexismo em relação às mulheres, o sexismo hostil e o sexismo benevolente relacionam-se com valores de poder social, ou seja, com valores que remetem para a necessidade de domínio.

Palavra-chave

Género, Papéis de Género, Sexismo, Sexismo Ambivalente, Valores Pessoais

Ambivalent Sexism and Personal Values: perspective of high school students

Abstract

The main objectives of this dissertation are the study of ambivalent sexism and personal values in high school students, taking into account attitudes and stereotypes towards men and women. To carry out this investigation, the Sociodemographic Characterization Questionnaire, the Ambivalent Sexism Inventory, the Ambivalence Toward Men Inventory, adapted by Costa, Oliveira, Pereira & Leal in 2015 and, finally, the Personal Values Questionnaire, readapted by Prioste, Narciso & Gonçalves in 2012. The investigation included a sample of 139 high school students, from three schools in the Alentejo and Médio-Tejo areas.

The results indicate that, with regard to sexism, it manifests itself not only towards men, but also towards women, whether in a hostile or benevolent way; that high religiosity and a right-wing political position are strong predictors of sexism and hedonistic personal values, and finally, that both in sexism towards men and sexism towards women, hostile sexism and benevolent sexism are related to values of social power, that is, with values that refer to the need for dominance.

Keywords

Gender, Gender Roles, Sexism, Ambivalent Sexism, Personal Values

Índice

| | |
|--|-----|
| Agradecimentos | I |
| Resumo | II |
| Abstract | III |
| Índice | IV |
| Índice de Tabelas | V |
| 1. Enquadramento Teórico | 1 |
| Género e Papéis de Género | 1 |
| Sexismo e Sexismo Ambivalente | 5 |
| Valores Pessoais | 10 |
| Valores Pessoais e Sexismo Ambivalente | 12 |
| 2. Método | 15 |
| Objetivos e Questões de Investigação | 15 |
| Participantes | 16 |
| Instrumentos | 19 |
| <i>Questionário de Caracterização Sociodemográfica</i> | 19 |
| <i>Inventário de Sexismo Ambivalente</i> | 20 |
| <i>Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens</i> | 20 |
| <i>Questionário de Valores Pessoais</i> | 21 |
| Procedimentos | 23 |
| Recolha de Dados | 23 |
| Análise de Dados | 23 |
| 3. Apresentação e Análise de Resultados | 26 |
| 4. Discussão | 44 |
| Limitações e Estudos Futuros | 48 |
| 5. Referências Bibliográficas | 50 |
| 6. Anexos | 56 |
| Comparação de médias no Questionário de Valores Pessoais por fatores | 56 |

Índice de Tabelas

| | |
|---|-----------|
| <i>Tabela 1. Caracterização Sociodemográfica dos/as participantes (idade e género)</i> | <i>16</i> |
| <i>Tabela 2. Caracterização Sociodemográfica dos/as participantes (concelho)</i> | <i>17</i> |
| <i>Tabela 3. Caracterização Sociodemográfica dos/as participantes (ano de escolaridade e curso)</i> | <i>18</i> |
| <i>Tabela 4. Caracterização Sociodemográfica dos/as participantes (posição religiosa e posição política)</i> | <i>19</i> |
| <i>Tabela 5. Comparação de médias no Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) em função do género</i> | <i>26</i> |
| <i>Tabela 6. Comparação de médias no Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) em função da idade</i> | <i>27</i> |
| <i>Tabela 7. Comparação de médias no Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) em função da posição religiosa</i> | <i>28</i> |
| <i>Tabela 8. Comparação de médias no Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) em função da posição política</i> | <i>30</i> |
| <i>Tabela 9. Comparação de médias o Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens (AMI) em função do género</i> | <i>31</i> |
| <i>Tabela 10. Comparação de médias no Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens (AMI) em função da idade</i> | <i>32</i> |
| <i>Tabela 11. Comparação de médias no Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens (AMI) em função da posição religiosa</i> | <i>33</i> |
| <i>Tabela 12. Comparação de médias no Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens (AMI) em função da posição política</i> | <i>34</i> |
| <i>Tabela 13. Coeficiente de Correlação de Pearson (r) entre os fatores do Inventário de Sexismo Ambivalente e do Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens</i> | <i>35</i> |

| | |
|---|-----------|
| <i>Tabela 14. Comparação de médias no Questionário de Valores Pessoais (QVP) em função do género</i> | <i>36</i> |
| <i>Tabela 15. Comparação de médias no Questionário de Valores Pessoais (QVP) em função da idade</i> | <i>37</i> |
| <i>Tabela 16. Comparação de médias no Questionário de Valores Pessoais (QVP) em função da posição religiosa</i> | <i>38</i> |
| <i>Tabela 17. Comparação de médias no Questionário de Valores Pessoais (QVP) em função da posição política</i> | <i>39</i> |
| <i>Tabela 18. Coeficiente de Correlação de Pearson (r) entre os fatores do Inventário de Sexismo Ambivalente, do Inventários de Ambivalência em Relação aos Homens e do Questionários de Valores Pessoais</i> | <i>42</i> |

1. Enquadramento Teórico

Género e Papéis de Género

O género representa uma das formas fundamentais de organização da vida social do ser humano, desde os aspetos mais triviais aos mais profundos (Blakemore et al., 2009), sendo implicitamente entendido como uma extensão natural da biologia, uma vez que a omnipresença e o domínio social do sistema binário tradicional tornam-no natural e invisível para a maioria das pessoas (Dragowski, 2014).

Logo após o nascimento, as crianças são categorizadas tendo em conta o sexo biológico e reforçadas por comportamentos de acordo com as noções sociais de feminilidade e masculinidade, a partir das quais cada um/a segue o caminho delineado e socialmente construído para esse género (Dragowski, 2014).

De acordo com a American Psychological Association (2015) o sexo refere-se ao estatuto biológico, através do qual se é tipicamente categorizado como masculino ou feminino, de acordo com uma série de indicadores, como por exemplo, os cromossomas sexuais, os órgãos reprodutivos internos, entre outros. Por outro lado, o género refere-se às atitudes, sentimentos e comportamentos que determinada cultura associa ao sexo biológico, sendo que um comportamento compatível com as expectativas culturais, é denominado como normativo de género, enquanto um comportamento menos compatível com essas expectativas, é denominado como não estando em conformidade com o género (American Psychological Association, 2015).

Segundo a Unicef (2017) o conceito de género, para além de incluir as expectativas existentes sobre as características, aptidões e comportamentos dos homens e das mulheres (feminilidade e masculinidade), define-se pela construção social e cultural que distingue as diferenças existentes entre homens e mulheres, e que consequentemente se relaciona com os papéis e as responsabilidades atribuídas a cada um deles. Assim, o género pode ser definido como uma dimensão social com base num sistema binário¹, ou seja, masculino e feminino, sendo que esta dimensão se distingue das restantes através de

¹ Este termo, descreve o sistema através do qual se “divide” as pessoas em dois grandes sexos, masculino e feminino, e consequentemente em dois géneros, homem e mulher.

um conjunto de características psicológicas e de comportamento que a sociedade atribui, de acordo com o sexo biológico (Helgeson, 2012).

Desta forma, é a dimensão social e relacional que nos permite abandonar a natureza biológica de sexo e interpretar as diferenças individuais através de uma nova perspectiva, que não só rejeita a hierarquização do feminino e do masculino, como as desigualdades de que as mulheres são alvo (Magalhães & Alvarez, 2013).

Estas desigualdades caracterizam-se por diferenças de acesso e de distribuição de recursos valorizados socialmente, tais como o dinheiro, a educação, o poder, a cultura e o reconhecimento (Almeida, 2013 citado por Torres et al., 2018), fruto da assimetria existente entre homens e mulheres, que nas sociedades contemporâneas se traduz na valorização da dimensão produtiva em detrimento da dimensão reprodutiva, e que consequentemente resulta na secundarização das mulheres (Torres et al., 2018). Tais desigualdades são visíveis através dos papéis sociais específicos, que se dividem em dois conjuntos de comportamentos e de características, sendo que uns são considerados mais apropriados para as mulheres, e outros para os homens (Nogueira, 2001a).

Ao longo dos tempos, e nas mais variadas culturas, os papéis sociais têm sido reproduzidos nos mais diversos espaços sociais, na medida em que difundem modelos e normas de comportamento específicos para homens e mulheres. Isto acontece devido a um processo de construção histórica e social que estabelece padrões de comportamentos que são difundidos através de práticas e de relações que definem gostos, modos de ser e de estar no mundo e formas de falar e de agir (Figueiredo et al., 2021).

Segundo a Unicef (2017) os papéis de género caracterizam-se pelas normas sociais e comportamentais que, dentro de uma determinada cultura, são consideradas socialmente apropriadas para os indivíduos de um sexo específico. São estas que determinam quais as responsabilidades e as tarefas tradicionais atribuídas a homens e a mulheres, as quais são frequentemente condicionadas pela estrutura familiar, pelos impactos específicos da economia global, pela ocorrência de conflitos ou desastres e por outros fatores relevantes, como as condições ecológicas.

Os papéis de género derivam da distribuição discrepante existente entre os homens e as mulheres, quer em casa, como no local de trabalho, sendo que esta distribuição suscita

conceções estereotipadas de género. Em casa, são as mulheres quem desempenha o principal papel de cuidadora, enquanto no trabalho ocupam serviços orientados para as pessoas, em vez de ocupações competitivas como é o caso dos homens (Hentschel et al., 2019), associados a um maior poder e consecutivamente a ocupações de maior prestígio (Dunham et al., 2015).

O autor dos primeiros estudos sobre as diferenças entre os homens e as mulheres, foi Terman, que em colaboração com Miles, em 1936, investigou o que mais diferenciava os homens das mulheres, tendo em conta, sentimentos, interesses e comportamentos. Assim, de acordo com Terman, a mulher, distingue-se do homem pelas suas emoções, timidez, docilidade e preocupação, enquanto o homem, se diferencia da mulher pela concretude das suas tarefas, sejam elas financeiras, profissionais ou pessoais (Poeschl et al., 2004). Mais tarde, em 1956, Parsons, refere que o homem, tradicionalmente, se concentra nos seus objetivos, inibe as suas emoções e valoriza o seu interesse pessoal, enquanto a mulher é sensível e preocupa-se com as necessidades afetivas da família (Poeschl et al., 2004).

Apesar de o sexo biológico ser o precursor da demanda cultural que indica os papéis que devem ser desempenhados pelos géneros masculino e feminino, assim como a relação que será estabelecida entre eles, estas relações são acontecem de forma igualitária e simétrica, e são permeadas por relações de poder e de dominação dos homens sobre as mulheres (Nader & Caminoti, 2014). No entanto, a masculinidade não constitui um atributo exclusivamente dos homens, tal como a feminilidade não é um traço exclusivo das mulheres (Amâncio, 2004).

Assim, tanto a masculinidade quanto a feminilidade são socialmente construídas (Nader & Caminoti, 2014), e constituem formas de pensar, dizer e agir em diversos planos da vida em sociedade (Amâncio, 2004), variando em função do tempo, da cultura e da posição ocupada na estrutura social, construindo assim múltiplas masculinidades e múltiplas feminilidades (Torres et al., 2018).

De forma a suprimir estas desigualdades, surgiram várias teorias e movimentos feministas, que têm como objetivo primordial a plena igualdade (Nogueira, 2001b). Assim, o feminismo pode ser definido como um movimento social, que pretende igualar

ambos os sexos, no que se refere aos seus direitos, à sua liberdade, ao seu estatuto e à sua oportunidade de intervenção na vida social (Nogueira, 2001b).

Segundo Kaplan, em 1992, é possível identificar a existência de três ondas do movimento feminista. A primeira onda do feminismo, iniciou-se a meio do século XIX, tendo como foco a emancipação das mulheres e a reivindicação pela sua integração na sociedade nos mesmos termos que os homens (Nogueira, 2001b). Estas conquistas foram um importante impulso para assegurar a igualdade, contudo, a crença na existência de diferenças entre os sexos não desvaneceu, e a análise a essas diferenças tornou-se um objeto de estudo importante nos meios académicos (Poeschl et al., 2014).

Quanto à segunda onda, iniciou-se por volta dos anos 60 do séc. XX, e prolongou-se até meados dos anos 80. Um fator relevante para o desenvolvimento do feminismo nesta altura, foram os diversos movimentos que se desenvolveram a partir do movimento estudantil dos anos 60, seguido de um conjunto de inovações tecnológicas e científicas que se faziam sentir naquela época (Nogueira, 2001b), as quais levaram à necessidade de criar um espaço de visibilidade e de reconhecimento para uma nova geração de investigadoras, mais precisamente a *Psychology of Women*, que se institucionalizou com a criação da Divisão 35 no seio da *American Psychological Association* (Saavedra & Nogueira, 2006). Nesta onda insere-se ainda a busca pela igualdade entre homens e mulheres, assim como o aparecimento das reivindicações por parte das populações mais desfavorecidas, como as mulheres negras, pobres e que precisavam de também elas assegurar a igualdade (Siqueira & Bussinguer, 2020).

Por fim, relativamente à terceira onda, designada por pós-feminismo, devido ao facto de os meios de comunicação terem veiculado que os/as jovens estavam indiferentes ao feminismo e às lutas que tiveram de ser travadas no passado (Nogueira, 2001b), foram inseridas, especialmente ao nível académico, questões relativas à masculinidade e à orientação sexual, cuja expoente máxima é Judith Butler. Esta onda defende que não existem apenas homens e mulheres, divididos em dois grandes grupos através da determinação biológica, mas um conjunto de pessoas que não se identifica com o padrão pré-determinado existente, e que ambiciona sair da invisibilidade e ver a sua individualidade reconhecida (Siqueira & Bussinguer, 2020).

Devido ao impacto das conquistas dos movimentos feministas, também a nível legislativo foram tomadas decisões com vista a proteger as mulheres. Uma das decisões legislativas mais importantes, foi a Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência contra as Mulheres e a Violência Doméstica, intitulada por Convenção de Istambul, e que foi aprovada por Portugal a 21 de janeiro de 2013, e entrou em vigor a 1 de agosto de 2014 (Sottomayor, 2015).

Segundo o Conselho da Europa (2011), esta convenção teve como objetivos: proteger as mulheres contra todas as formas de violência, e não só prevenir, como processar criminalmente; contribuir para a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres e promover a igualdade real entre mulheres e homens; planejar políticas e medidas de proteção e assistência para todas as vítimas de violência contra as mulheres, entre outros.

A convenção consiste num documento com foco nas mulheres de forma a garantir o seu direito a viver sem violência, reconhecendo assim, que existe violência contra os homens, mas que a violência atinge dimensões desproporcionadas contra as mulheres, considerando esta como violência de género, e que para além de ser transversal às mais diversas sociedades, tem sido constantemente legitimada (Sottomayor, 2015).

Nas últimas décadas, a igualdade de género tem sido promovida no plano legislativo, não só em Portugal, mas a nível internacional (Torres et al., 2018), através da pressão dos movimentos feministas, os quais têm como objetivo primordial a plena igualdade (Nogueira, 2001b), mas também através de grupos ligados a diferentes identidades de género (Torres et al., 2018). No entanto, e apesar dos esforços, algumas inovações legislativas não são valorizadas e enfrentam, inclusivamente, alguma resistência por parte de quem deve aplicar as leis (Torres et al., 2018).

Sexismo e Sexismo Ambivalente

A relação entre homens e mulheres é única, uma vez que não existe relação tão definida pela desigualdade e intimidade, seja ela física e/ou psicológica (Costa et al., 2015).

O sexismo caracteriza-se pela forma tradicional de hostilidade dirigida às mulheres, com o objetivo de justificar o poder masculino sobre o feminino, e reforçar os

papéis clássicos de género (Costa et al., 2015). Assim, o sexo feminino é relacionado com a natureza, a paixão e a reprodução, tendo como foco o papel da maternidade e do cuidado, enquanto o sexo masculino, é identificado com a cultura, a razão e o poder, tendo como foco o papel de provedor da família e de líder (Santos, 2012).

De acordo com o Conselho da Europa (2019) considera-se sexismo qualquer atitude, gesto, representação visual, linguagem oral ou escrita, prática ou comportamento baseado no pressuposto de que uma pessoa ou grupo de pessoas é inferior devido ao seu sexo, quer ocorra na esfera pública, quer na esfera privada, através de via eletrónica, ou não. Contudo, estudos recentes têm demonstrado a existência de uma forma de sexismo mais subtil, definida por uma proteção paternalista e aparentemente positiva. Esta forma de sexismo, baseia-se em justificações de domínio masculino e em papéis de género mais gentis, designada de sexismo ambivalente (Costa et al., 2015).

Assim, o sexismo pode apresentar duas formas de expressão: uma forma hostil, denominada de sexismo hostil, e uma forma subtil, denominada de sexismo benevolente (Glick & Fiske, 1996).

O sexismo hostil implica uma visão fundamentalmente negativa das mulheres e pretende justificar assertivamente o poder masculino e os papéis de género tradicionais, explorando a mulher como objeto sexual através de caracterizações depreciativas.

O sexismo benevolente implica uma visão positiva das mulheres e pretende usufruir de justificações mais subtis aquando do domínio masculino e dos papéis de género tradicionais, admitindo a dependência dos homens relativamente às mulheres, e manifestando uma visão romântica das relações sexuais com elas (Glick & Fiske, 1997).

As duas formas de sexismo estão relacionadas, e ambas não só contribuem para manter a desigualdade de género, mas também para justificar o sistema existente de relações de género, de forma a reforçar o estatuto dos homens na sociedade (Aguadullina et al., 2022). Apesar disso, ambas as formas de sexismo partilham três componentes, cada uma com o seu aspeto hostil e o seu aspeto benevolente, que giram em torno de questões relacionadas com o poder, a diferenciação de género e a heterossexualidade (Glick & Fiske, 1997) de modo a fundamentar as condições sociais e biológicas que caracterizam as relações entre os sexos (Serrão & Formiga, 2013).

Glick e Fiske, em 1996, desenvolveram o *Inventário de Sexismo Ambivalente*, com o objetivo de avaliarem as atitudes negativas em relação à mulher, no que se refere ao *poder* (paternalismo protetor e paternalismo dominante), à *diferenciação de gênero* (competitiva e complementar), e em relação à *heterossexualidade* (intimidade e hostilidade), possibilitando assim determinar o tipo de sexismo (Costa et al., 2015).

Quanto ao *poder*, as diferenças entre homens e mulheres são racionalizadas através de ideologias baseadas no paternalismo. A característica hostil desta ideologia assenta na crença de que as mulheres devem ser controladas pelos homens, e define-se por paternalismo dominador; enquanto a característica benevolente, afirma que devido à autoridade, poder e força física que os homens possuem, estes devem proteger as mulheres, definindo-se por paternalismo protetor (Glick & Fiske, 1997).

Relativamente à *diferenciação de gênero*, compreende um lado hostil, denominado por diferenciação de gênero competitiva, através do qual o homem desenvolve atitudes competitivas em relação às mulheres como forma de manter e elevar a sua autoestima; e um lado benevolente, denominada por diferenciação de gênero complementar, expresso através de atitudes positivas (Ferreira, 2004), e consistente com os papéis tradicionais de gênero, na medida em que as mulheres possuem traços favoráveis, que complementam características estereotipicamente masculinas (Glick & Fiske, 1997).

E, por fim, quanto à *heterossexualidade*, os desejos e os medos dos homens em relação às mulheres são o último componente relativo às atitudes sexistas ambivalentes. Se por um lado a heterossexualidade hostil reflete a tendência dos homens considerarem as mulheres apenas como objetos sexuais, assim como medo de que as mulheres possam utilizar a atração sexual de modo a ganhar poder sobre os homens; por outro lado, a heterossexualidade íntima, procura romantizar as mulheres como objetos sexuais, considerando as mesmas como parceiras românticas necessárias para que um homem se sinta pleno (Glick & Fiske, 1997).

Mais tarde, Glick e Fiske, em 1999, desenvolveram o *Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens*, com o objetivo de avaliarem as atitudes sexistas em relação aos homens, no que se refere ao *poder* (paternalismo e maternalismo), à *diferenciação de*

género (compensatória e complementar), e em relação à *heterossexualidade* (intimidade e hostilidade), permitindo assim definir o tipo de sexismo (Costa et al., 2015).

Quanto ao *poder*, a sua característica hostil manifesta-se através do paternalismo, e assenta no ressentimento sentido pelas mulheres do poder masculino, pelo facto de estes possuírem mais poder e terem comportamentos de superioridade; no entanto, ao mesmo tempo que as mulheres sentem ressentimento, as suas atitudes são pautadas por uma benevolência em relação aos homens, denominado de maternalismo, na medida em que os homens precisam das mulheres para os orientar e tomar conta deles (Guerra et al., 2004).

Relativamente à *diferenciação de género*, se por um lado se caracteriza os homens como incompetentes, sobretudo no que se refere à vida privada, através da diferenciação de género compensatória; por outro lado, reconhece-se os homens como protetores, que assumem riscos para proteger as mulheres, através da diferenciação de género complementar (Guerra et al., 2004).

E, por fim, quanto à *heterossexualidade*, compreende um lado hostil, denominado por heterossexualidade hostil, uma vez que é evidenciada uma noção de homem sem carácter, que não só tenta controlar as mulheres, como as considera objetos sexuais; e um lado benevolente, denominado de heterossexualidade íntima, que assenta na importância de uma intimidade heterossexual, na medida em que as mulheres heterossexuais necessitam dos homens como companheiros românticos (Guerra et al., 2004).

É de salientar que ambos os inventários compreendem as mesmas dimensões, contudo, cada um dos instrumentos possui o seu foco, isto é, o *Inventário de Sexismo Ambivalente* foca-se em avaliar as atitudes negativas em relação às mulheres, enquanto o *Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens* foca-se em avaliar as atitudes negativas em relação aos homens.

Num estudo transcultural que envolveu 19 países e mais de 15.000 participantes, observou-se que o sexismo hostil e o sexismo benevolente são, não só complementares, como observáveis em diversas culturas e universalmente difundidas. Concluindo-se ainda que as oscilações nos níveis de hostilidade e de benevolência em relação às mulheres demonstram estar correlacionadas com os índices nacionais de desigualdade de género,

sendo que em países reconhecidos pela existência de uma maior igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, verificaram-se níveis inferiores de sexismo ambivalente, comparativamente com países onde as desigualdades de género são mais predominantes (Bareket & Fiske, 2023).

Em Portugal, Costa, Pereira e Leal, em 2012, avaliaram as atitudes sexistas numa população universitária portuguesa, tendo em conta as diferenças de género ao nível do preconceito e a sua relação com crenças socialmente convencionais. Este estudo revelou não só a existência de ambas as formas de manifestação do sexismo na população universitária portuguesa, como ainda que esta é transversal quer em relação aos homens, quer em relação às mulheres. Os homens expressaram níveis mais elevados de hostilidade e de benevolência em relação às mulheres, tal como níveis mais elevados de benevolência em relação aos homens. Em contraste, as mulheres expressaram níveis mais elevados de hostilidade em relação aos homens (Costa et al., 2012).

Mais recentemente, Costa, Oliveira, Pereira e Leal, em 2015, adaptaram o *Inventário de Sexismo Ambivalente* e o *Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens*, para a população portuguesa e avaliaram as suas propriedades psicométricas. Os resultados revelaram que os homens possuem níveis mais elevados de hostilidade e de benevolência dirigido às mulheres, enquanto as mulheres demonstraram níveis mais elevados de hostilidade dirigida aos homens. Concluiu-se ainda que a benevolência diminuiu com o avançar da idade, no entanto, a hostilidade em relação aos homens tende a aumentar. O preconceito hostil e benevolente revelou-se mais elevado em pessoas com menos anos de escolaridade, e a religiosidade correlacionou significativamente com os índices de sexismo benevolente (Costa et al., 2015).

As atitudes sexistas afetam homens e mulheres de diversas formas e estão associadas a valores sociais convencionais e a outras desigualdades sociais, que vão além do género, como o racismo, a religiosidade e os valores humanos (Costa et al., 2012). Contudo são as mulheres, o principal alvo das atitudes sexistas, principalmente mulheres que trabalham em ambientes predominantemente masculinos, como é o caso do mundo dos negócios, da política e do meio militar, uma vez que são consideradas como tendo ultrapassado as regras sociais que excluem as mulheres da esfera pública ou dos cargos de autoridade (Conselho da Europa, 2019).

Valores Pessoais

Os valores podem ser definidos como um conjunto de princípios, através dos quais se fundamentam as decisões, e mais especificamente, o sentido da vida (Prioste et al., 2012).

Segundo Schwartz e Bilsky, em 1990, os valores são conceitos ou crenças, que orientam, selecionam e avaliam comportamentos e acontecimentos (Prioste et al., 2012) por meio de uma hierarquia organizada, e conforme a importância que cada pessoa atribui (Formiga, 2007) sendo esta reflexo das experiências, da personalidade, do contexto e da cultura em que está inserida (Prioste et al., 2012).

Apesar de estas características se aplicarem a todos os valores, não nos ajudam a diferenciar uns valores dos outros² (Granjo & Peixoto, 2013). O fator diferenciador é o caráter motivacional dos valores, uma vez que estes se baseiam em três necessidades humanas universais, nomeadamente, biológicas, sociais e institucionais (Granjo & Peixoto, 2013) que expressam interesses e desejos individuais, coletivos ou ambos, dentro de áreas motivacionais bem definidas, o que os torna determinantes no quotidiano, uma vez que orientam a vida das pessoas e determinam a sua forma de pensar, de agir e de sentir (Tamayo & Schwartz, 1993).

O impulsionador dos estudos sobre valores³ foi Milton Rokeach, que propôs uma abordagem que uniu conhecimentos de diversas áreas e que diferenciou os valores das atitudes e dos traços de personalidade, construtos com os quais foi associado durante algum tempo (Albuquerque et al., 2006). Segundo este autor, os valores apresentam-se como um construto dinâmico e determinante no que se refere aos comportamentos e às atitudes, pois possuem elementos motivacionais, afetivos, cognitivos e comportamentais, o que possibilita uma perspetiva mais explicativa quanto às diferenças e semelhanças entre as pessoas e as mais diversas culturas (Prioste et al., 2012).

Shalom H. Schwartz, em 1992, através da reformulação da teoria de Rokeach, desenvolveu a Teoria de Valores Humanos Básicos, a qual enfatizava a base motivacional

² São várias as áreas científicas que estudam os valores, uma vez que é um campo muito vasto, mas ao longo deste capítulo e do seguinte, analisaremos os valores no campo da psicologia.

³ Existem diversas teorias sobre os valores, tais como a relação dos valores com as necessidades humanas (Maslow, 1954), com as atitudes (Levy, 1990) e com as metas, as necessidades e as preferências (Dose, 1997), no entanto, esta dissertação terá como foco principal a Teoria de Valores Humanos Básicos de Schwartz, a qual é a base de construção de um dos instrumentos que será utilizado na recolha de dados: o Questionário de Valores Pessoais.

como explicação para o desenvolvimento dos valores e sugeria a universalidade da estrutura e do conteúdo dos tipos motivacionais (Albuquerque et al., 2016) identificando dez valores motivacionais básicos (Granjo & Peixoto, 2013).

Os dez valores motivacionais são representados através de um gráfico circular que representa o *continuum* motivacional dinâmico, e que exprime a compatibilidade ou a incompatibilidade motivacional existente entre eles (Prioste et al., 2012).

Segundo o autor estes valores, para além de se relacionarem entre eles de forma dinâmica, podem ser observados em diferentes culturas, uma vez que o fator que as difere é o nível de importância atribuído a cada valor (Granjo & Peixoto, 2013).

Schwartz, desenvolveu ainda o *Questionário de Valores Pessoais*, com o objetivo de medir a importância dos valores enquanto princípios orientadores da vida. Este questionário é constituído por 56 itens, organizados numa lista, e os resultados para além de validarem os pressupostos da Teoria de Valores Humanos Básicos, revelam concordância intercultural de valores (Prioste et al., 2012).

Em Portugal, Menezes e Campos, em 1989, foram os vanguardistas no estudo do *Questionário de Valores Pessoais*, o qual foi administrado a 163 estudantes universitários, mas, uma vez que apenas foram encontrados seis fatores, não foi possível corroborar a organização de valores proposta por Schwartz (Menezes et al., 1989).

Mais recentemente, Prioste, Narciso e Gonçalves, em 2012, realizaram a validação do *Questionário de Valores Pessoais Readaptado*, com uma amostra de 630 indivíduos, de forma a avaliar a importância dos valores como princípios orientadores da vida. Deste estudo, emergiram oito fatores, congruentes com a literatura, mas que não refletem os domínios motivacionais reconhecidos por Schwartz e Bilsky.

A conceptualização dos fatores fundamentou-se na Teoria dos Valores Humanos Básicos, e foram organizados em dois domínios, nomeadamente, o domínio Hedonista e o domínio Coletivo. Quanto ao domínio Hedonista, este integra valores maioritariamente individuais, focados no “*Eu sem os Outros*” e no “*Eu e os Outros*”, incluindo os seguintes fatores: Aventura, Poder Social, Equilíbrio Pessoal e Realização Pessoal.

Relativamente, ao domínio Coletivo, este integra valores focados na relação com o *Outro*, mais especificamente, “*Eu com os Outros*” e “*Eu e os Outros*”, incluindo os

seguintes fatores: Relacional, Tradicionalismo, Preocupação Social e Espiritualidade (Prioste et al., 2012).

Valores e Sexismo Ambivalente

A perspectiva teórica dos valores apresenta diversas explicações quanto aos fenômenos sociais, entre os quais, o preconceito (Formiga, 2007).

Os valores têm sido considerados de grande importância quanto à explicação dos comportamentos, uma vez que não só são um construto que visa a diferenciação entre o que é prioritário e secundário para cada pessoa (Formiga, 2006), como expressam uma forte componente de desejabilidade social, através do qual as pessoas se apresentam na sociedade, e se importam com as razões dos seus comportamentos e atitudes diante dos outros (Formiga, 2007).

Novas perspectivas teóricas sobre preconceito defendem que este fenômeno se manifesta de forma ambivalente, isto é, de forma hostil ou benevolente, e que quando se relaciona com grupos minoritários, pode refletir-se através de valores individualistas, os quais estão relacionados com o êxito, o sucesso pessoal e a independência, ou através de valores sociais, como a valorização da tradição, do grupo de pertença e da harmonia nas relações. Neste sentido, e uma vez que os valores são capazes de orientar comportamentos e atitudes quando aos fenômenos sociais, é possível que eles possam explicar quer a forma subtil quer a forma tradicional do preconceito (Formiga, 2007).

Com o objetivo de conhecer em que medida os valores se relacionam com o sexismo ambivalente e as suas dimensões de hostilidade e de benevolência, surge o estudo de Belo, Gouveia, Raymundo e Marques, em 2005, que revelou que os homens obtiveram maior pontuação em relação ao sexismo hostil do que as mulheres, e que os/as participantes com poucas habilitações literárias, com uma religião definida, católica ou protestante e de classe baixa, demonstraram-se mais sexistas. Por fim, os resultados salientaram ainda que os/as participantes que obtiveram maior pontuação nos valores relativos à obediência e à religiosidade, apresentam maior índice de sexismo, enquanto os/as que obtiveram maior pontuação nos valores relativos à beleza e ao conhecimento obtiveram as menores pontuações nesta forma de expressão do preconceito (Belo et al., 2005).

O sexismo relaciona-se com vários aspetos da religião (como as crenças, a fé e o fundamentalismo), em todas as principais religiões do mundo (cristianismo, judaísmo, islamismo e hinduísmo). Neste sentido, mas por outro lado, vários estudos, sugerem que países com grandes populações que não sejam religiosas, tendem a ser mais equitativas no que diz respeito ao género (Etengoff & Lefevor, 2021). As atitudes sexistas existem num sistema de crença mais amplo associado a hierarquias específicas de valores, sendo que uma das instituições sociais mais forte, que cria e justifica esta mesma hierarquia de valores, é a religião (Mikolajczak & Pietrzak, 2014).

Apesar da maioria das religiões transmitir aos seus crentes que a confiança e o amor devem ser a base da sua fé, as evidências demonstram que o sexismo, assim como outras formas de preconceito podem, antagonicamente, ser acentuadas através da religião (Hunsberger & Jackson, 2005). A religiosidade relaciona-se principalmente com o sexismo através do conservadorismo social, que compreende o autoritarismo, ou seja, a obediência absoluta à autoridade e punição de quem não obedece, e o fundamentalismo, a crença em um único conjunto de doutrinas que contêm a verdade absoluta. Assim, o conservadorismo é o preditor mais forte de sexismo, o que pode ser explicado pela importância do conservadorismo na estabilidade, na conformidade e nas normas sociais (Etengoff & Lefevor, 2021).

Um estudo realizado na Polónia, com o objetivo de investigar a relação entre a religiosidade e as atitudes sexistas, concluiu que a religiosidade pode estar interligada com o sexismo benevolente, tendo esta relação sido medida através dos valores do conservadorismo e da abertura à mudança. Desta forma, os/as participantes religiosos/as pareciam valorizar a tradição e a conformidade, levando à interpretação das mulheres através dos papéis sociais tradicionais (Mikolajczak & Pietrzak, 2014).

Num outro estudo, desenvolvido em 2010 por Maltby, Hall, Anderson e Edwards, nos Estados Unidos, procurou explorar-se a relação entre género, crença religiosa e sexismo ambivalente. Assim, a amostra que envolveu 337 estudantes universitários/as, todos/as eles/as cristãs/ãos evangélicas/os demonstrou que à medida que as visões sexistas dos homens aumentavam, aumentava igualmente a sua concordância com os princípios centrais do cristianismo, no entanto, o mesmo não se verificou nas mulheres.

Foi ainda possível concluir que o género, é um fator determinante na relação entre a religiosidade e o sexismo (Maltby et al., 2010).

Face ao enquadramento teórico, a presente dissertação tem como objetivo geral o estudo do sexismo ambivalente, quanto à sua manifestação hostil ou benevolente, tendo em conta as atitudes e os estereótipos face aos homens e às mulheres, assim como a relação entre sexismo ambivalente e os valores pessoais.

2. Método

Objetivos

A presente dissertação tem como objetivos específicos:

- analisar de que forma o sexismo ambivalente, se manifesta na perspectiva de ambos os sexos, tendo em conta o género, a idade, a posição religiosa e a posição política;
- analisar de que forma a ambivalência em relação aos homens, se manifesta na perspectiva de ambos os sexos, tendo em conta o género, a idade, a posição religiosa e a posição política;
- verificar a relação entre o sexismo ambivalente e a ambivalência em relação aos homens;
- analisar de que forma os valores pessoais, se manifestam na perspectiva de ambos os sexos, tendo em conta o género, a idade, a posição religiosa e a posição política;
- verificar a relação entre o sexismo ambivalente, a ambivalência em relação aos homens e os valores pessoais.

Questões de Investigação

1. Existem diferenças na forma como o sexismo ambivalente se manifesta na perspectiva de ambos os sexos, tendo em conta:

- 1.a) o género?
- 1.b) a idade?
- 1.c) a posição religiosa?
- 1.d) a posição política?

2. Existem diferenças na forma como a ambivalência em relação aos homens se manifesta na perspectiva de ambos os sexos, tendo em conta:

- 2.a) o género?
- 2.b) a idade?
- 2.c) a posição religiosa?
- 2.d) a posição política?

3. Qual a relação entre o sexismo ambivalente e a ambivalência em relação aos homens?

4. Existem diferenças na forma como os valores pessoais se manifestam na perspectiva de ambos os sexos, tendo em conta:

- 4.a) o género?
 - 4.b) a idade?
 - 4.c) a posição religiosa?
 - 4.d) a posição política?
5. Qual a relação entre o sexismo ambivalente, a ambivalência em relação aos homens e os valores pessoais?

Participantes

A presente investigação contou com a participação de 139 estudantes, os/as quais apresentam uma média de idade de 16.68 anos, com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos ($s = 1.136$ / $moda = 17$ / $mediana = 17$) sendo que a grande maioria dos/as participantes tem 17 anos de idade ($n = 43$ / 30.9%), seguindo-se a faixa etária dos 18/19 anos ($n = 39$ / 28.1%), depois dos 16 anos ($n = 32$ / 23%), e por fim, da faixa etária dos 14/15 anos ($n = 25$ / 18%). No que diz respeito ao género, 88 participantes identificaram-se como sendo do género feminino (63.3%), 50 como sendo do género masculino (36%), e 1 como sendo de outro género (0.7%).

Tabela 1.

Caracterização Sociodemográfica dos/as participantes (idade e género)

| <i>Características Sociodemográficas</i> | <i>Participantes</i> | |
|--|----------------------|----------|
| | <i>n</i> | <i>%</i> |
| <i>Idade</i> | | |
| 14/15 anos | 25 | 18% |
| 16 anos | 32 | 23% |
| 17 anos | 43 | 30.9% |
| 18/19 anos | 39 | 28.1% |
| <i>Género</i> | | |
| Feminino | 88 | 63.3% |
| Masculino | 50 | 36% |
| Outro | 1 | .7% |

A maioria dos/as participantes frequenta duas escolas de dois concelhos diferentes do distrito de Santarém, 34 do concelho 1 (24.5%), 36 do concelho 2 - capital de distrito (25.9%) e os/as restantes 69 frequentam uma escola de um concelho do distrito de Évora (49.6%). Destaca-se que os dois concelhos do distrito de Santarém são cidades, enquanto o concelho do distrito de Évora é considerado uma vila.

Tabela 2.

Caracterização Sociodemográfica dos/as participantes (concelho)

| <i>Características Sociodemográficas</i> | <i>Participantes</i> | |
|---|----------------------|----------|
| | <i>n</i> | <i>%</i> |
| <i>Concelho de Residência</i> | | |
| Distrito de Santarém (concelho 1) | 34 | 24.5% |
| Distrito de Santarém (concelho 2 - capital de distrito) | 36 | 25.9% |
| Distrito de Évora (concelho 3) | 69 | 49.6% |

Foi testada a equivalência das subamostras, especificamente das três subamostras referentes ao concelho de residência, tendo sido possível concluir que as subamostras são equivalentes no que respeita ao sexo, à idade e ao nível de instrução dos/as participantes, mas não são equivalentes no que se refere à posição religiosa, à posição política e aos níveis de sexismo.

Relativamente à religiosidade, os/as participantes residentes no concelho 3 (distrito de Évora) apresentaram ser menos religiosos/as comparativamente com os/as participantes residentes nos concelhos 1 e 2 ($\bar{x} = 1.39 / \bar{x} = 1.85 / \bar{x} = 1.86$, respetivamente / $p = .007$). Quanto à posição política, os/as participantes residentes no concelho 3 (distrito de Évora) posicionaram-se mais perto da esquerda do que os/as participantes residentes nos concelhos 1 e 2 ($\bar{x} = 1.72 / \bar{x} = 1.91 / \bar{x} = 2.06$, respetivamente / $p = < .05$).

No que concerne ao sexismo, as subamostras também não se demonstraram equivalentes, uma vez que os/as participantes do concelho 1 (distrito de Santarém) apresentaram valores superiores de sexismo benevolente em relação às mulheres ($F = 6.576 / p = .002$) e valores superiores de sexismo hostil em relação aos homens ($F = 4.338$

/ $p = .015$), comparativamente com os restantes concelhos de residência, sendo que o sexismo decresce do concelho 1 (distrito de Santarém) ($\bar{x} = 3.04 / \bar{x} = 3.06$), para o concelho 2 (capital do distrito de Santarém) ($\bar{x} = 2.84 / \bar{x} = 2.86$) e deste para o concelho 3 (distrito de Évora) ($\bar{x} = 2.56 / \bar{x} = 2.59$).

Destes 139 estudantes do ensino secundário, 124 frequentam um curso científico-humanístico (89.2%) e 15 frequentam um curso profissional (10.8%), sendo que 45 participantes são do 10º ano (32.4%), 37 do 11º ano (26.6%), e 57 do 12º ano (41%).

Relativamente ao curso científico-humanístico, 60 participantes frequentam o curso de Ciências e Tecnologias (43.2%), 43 de Línguas e Humanidades (30.9%), o de Ciências Socioeconómicas (5.8%), e por fim, 14 participantes frequentam o curso de Artes Visuais (10.1%). Quanto ao curso profissional, 4 participantes frequentam o curso Técnico/a de Farmácia (2.9%), 6 de Desporto (4.3%), 3 de Informática (2.2%), 1 de Audiovisual (0.7%), e por fim, 1 de Organização de Eventos (0.7%).

Tabela 3.

Caracterização Sociodemográfica dos/as participantes (ano de escolaridade e curso)

| <i>Características Sociodemográficas</i> | <i>Participantes</i> | |
|--|----------------------|----------|
| | <i>n</i> | <i>%</i> |
| <i>Ano de Escolaridade</i> | | |
| 10º ano | 45 | 32.4% |
| 11º ano | 37 | 26.6% |
| 12º ano | 57 | 41% |
| <i>Curso</i> | | |
| Curso Científico-Humanístico | 124 | 89.2% |
| Curso Profissional | 15 | 10.8% |

Relativamente à posição religiosa, 78 participantes consideram-se pouco ou nada religiosos/as (56.1%), 35 consideram-se moderadamente religiosos/as (25.2%), e por fim, 26 consideram-se muito religiosos/as (18.7%). Quanto à posição política, 50 participantes consideram-se de esquerda (36%), 59 de centro (42.4%), e por fim, 30 de direita (21.6%).

Tabela 4.

Caracterização Sociodemográfica dos/as participantes (posição religiosa e posição política)

| Características Sociodemográficas | Participantes | |
|-----------------------------------|---------------|-------|
| | n | % |
| <i>Posição Religiosa</i> | | |
| Pouco ou Nada Religioso/a | 78 | 56.1% |
| Moderadamente Religioso/a | 35 | 25.2% |
| Muito Religioso/a | 26 | 18.7% |
| <i>Posição Política</i> | | |
| Esquerda | 50 | 36% |
| Centro | 59 | 42.4% |
| Direita | 30 | 21.6% |

Instrumentos

Para a recolha de dados foram utilizados os seguintes instrumentos: o *Questionário de Caracterização Sociodemográfica*, o *Inventário de Sexismo Ambivalente*, o *Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens* e o *Questionário de Valores Pessoais*.

Questionário de Caracterização Sociodemográfica

Construído no âmbito da presente investigação, este instrumento teve como principal intuito recolher informações relevantes para a caracterização da amostra. Inclui diversos elementos de caracterização sociodemográfica, tais como, género, idade, concelho de residência, posição religiosa, posição política, nível de escolaridade e curso frequentado pelo/a participante. As questões relativas ao posicionamento religioso e político dos/as participantes foram construídas através de uma escala de *Likert* de 9 pontos. Relativamente ao posicionamento religioso, apresenta 1 que corresponde a “*nada religioso/a*”, a 9 que corresponde a “*muito religioso/a*”, e quanto ao posicionamento político, apresenta 1 que corresponde como de “*extrema esquerda*”, a 9 que corresponde como de “*extrema direita*”.

Inventário de Sexismo Ambivalente

Nesta investigação, foi utilizado o *Inventário de Sexismo Ambivalente* adaptado para a população portuguesa por Costa, Pereira & Leal, em 2015.

Este instrumento, adaptado a partir do *Ambivalent Sexism Inventory* de Glick e Fiske, em 1996, tem como objetivo medir as atitudes sexistas em relação às mulheres, tendo em conta o *paternalismo* (dominante e protetor), a *diferenciação de género* (competitiva e complementar) e, por fim, a *heterossexualidade* (hostil e íntima), permitindo desta forma determinar o tipo de sexismo existente (hostil ou benevolente).

É composto por 20 afirmações, medidas através de uma escala de *Likert* de 5 pontos - de 1 “*discordo totalmente*” a 5 “*concordo totalmente*” - sendo que 9 afirmações são referentes ao *Sexismo Hostil* - por exemplo, “a maioria das mulheres interpreta comentários ou atos inocentes como sendo sexistas”, e as restantes 11 afirmações são referentes ao *Sexismo Benevolente* - por exemplo, “as mulheres deviam ser estimadas e protegidas pelos homens” (Costa et al., 2015). Para a adaptação do *Inventário de Sexismo Ambivalente*, o instrumento foi administrado a 258 estudantes universitários de ambos os sexos e com uma média de idade de 27 anos.

A análise fatorial confirmatória revelou evidência da multidimensionalidade do inventário, tendo sido também demonstrada a validade e a confiabilidade da adaptação. Esta adaptação permitiu determinar a existência de dois fatores (cada um com três subfatores): o fator do *Sexismo Hostil*, explicativo de 41% da variância total, e o fator do *Sexismo Benevolente*, explicativo de 41% da variância total.

Quanto ao *Sexismo Hostil*, os subfatores - *paternalismo dominante*, *diferenciação de género competitiva e hostilidade heterossexual* - são compostos por nove itens. Relativamente ao *Sexismo Benevolente*, os subfatores - *paternalismo protetor*, *diferenciação de género complementar e intimidade heterossexual* - são compostos por onze itens.

Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens

Nesta investigação, foi utilizado o *Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens* adaptado para a população portuguesa por Costa, Pereira & Leal, em 2015.

Este instrumento, adaptado a partir do *Ambivalence Toward Men Inventory* de Glick e Fiske, em 1999, visa medir as atitudes ambivalentes das mulheres em relação aos homens, tendo em conta o *poder* (paternalismo e maternalismo), a *diferenciação de género* (compensatória e complementar) e, por fim, a *heterossexualidade* (hostil e íntima).

É composto por 20 afirmações, medidas através de uma escala de Likert de 5 pontos - de 1 “*discordo totalmente*” a 5 “*concordo totalmente*” - sendo que 10 afirmações são referentes ao *Sexismo Hostil* - por exemplo, “os homens irão sempre lutar para ter um maior controlo na sociedade do que as mulheres”, e as restantes 10 afirmações são referentes ao *Sexismo Benevolente* - por exemplo, “os homens são menos propensos a perder o controlo em situações de emergência do que as mulheres” (Costa et al., 2015). Para a adaptação do *Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens*, o instrumento foi administrado a 258 estudantes universitários, de ambos os sexos e com uma média de idade de 27 anos.

A análise fatorial confirmatória revelou evidência da multidimensionalidade do inventário, tendo sido também demonstrada a validade e a confiabilidade da adaptação. Esta adaptação permitiu determinar a existência de dois fatores (cada um com três subfatores): o fator do *Sexismo Hostil*, explicativo de 38% da variância total, e o fator do *Sexismo Benevolente*, explicativo de 50% da variância total.

Quanto ao *Sexismo Hostil*, os subfatores - *paternalismo*, *diferenciação de género compensatória e hostilidade heterossexual* - são compostos por dez itens. Relativamente ao *Sexismo Benevolente*, os subfatores - *maternalismo*, *diferenciação de género complementar e intimidade heterossexual* - são compostos por dez itens.

Questionário de Valores Pessoais

Nesta investigação, foi utilizado o *Questionário de Valores Pessoais* readaptado para a população portuguesa por Prioste, Narciso & Gonçalves, em 2012.

Este instrumento, adaptado a partir do *Personal Values Questionnaire* de Shalom Schwartz, avalia a importância de um conjunto de valores como princípios orientadores da vida. É composto por 63 valores - por exemplo, “igualdade”, os quais são apresentados seguidos da respetiva definição - por exemplo, “oportunidades iguais para todos/as”, de

forma a diminuir a subjetividade semântica na sua interpretação, medidos através de uma escala de Likert de 6 pontos - de 1 “*sem importância*” a 6 “*importância fundamental*” - sendo que quanto mais elevado o número atribuído na escala, mais importante é o valor como princípio que orienta a vida (Prioste et al., 2010).

Para a readaptação do *Questionário de Valores Pessoais*, o instrumento foi administrado a 630 indivíduos de ambos os sexos e com idades compreendidas entre os 15 e os 73 anos. Esta adaptação permitiu determinar a existência de oito fatores (quatro fatores de *Domínio Hedonista*, e quatro fatores de *Domínio Coletivo*), explicativos de 45% da variância total.

Quanto ao *Domínio Hedonista*, este integra valores maioritariamente individuais, focados no “*Eu sem os Outros*”, e no “*Eu e os Outros*”, englobando quatro fatores. O fator *Aventura* (alfa de Chronbach = .770), é composto por seis itens, que expressam a procura de novos desafios. O fator *Poder Social* (alfa de Chronbach = .752), é composto por oito itens, que remetem para a necessidade de controlo, quer sobre os/as outros/as, quer sobre os recursos. O fator *Equilíbrio Pessoal* (alfa de Chronbach = .752), é composto por nove itens, que se referem ao equilíbrio e à independência. O fator *Realização Pessoal* (alfa de Chronbach = .786), é composto por seis itens, que representam a obtenção de êxito pessoal e de reconhecimento social.

Relativamente ao *Domínio Coletivo*, este integra valores maioritariamente relacionais, focados na relação com o *Outro*, mais especificamente, no “*Eu com os Outros*”, e no “*Eu e os Outros*”, englobando quatro fatores. O fator *Relacional* (alfa de Chronbach = .855), é composto por doze itens, que expressa o reconhecimento e a preocupação com o bem-estar dos/as outros/as. O fator *Tradicionalismo* (alfa de Chronbach = .812), é composto por doze itens, que remetem para o controlo de impulsos e para a conformidade com os padrões sociais e culturais vigentes. O fator *Preocupação Social* (alfa de Chronbach = .728), é composto por seis itens, que se referem às preocupações ecológicas e pró-sociais. O fator *Espiritualidade* (alfa de Chronbach = .631), é composto por quatro itens que representam a transcendência.

Para a análise de dados desta investigação foram considerados os dois domínios do *Questionário de Valores Pessoais* (*Domínio Hedonista* e *Domínio Coletivo*). Sempre que necessário, e para uma análise mais fina, foram considerados também os oito fatores

dos dois domínios: *Domínio Hedonista* (*aventura, poder social, equilíbrio pessoal e realização pessoal*) e *Domínio Coletivo* (*relacional, tradicionalismo, preocupação social e espiritualidade*).

Procedimentos

Recolha de Dados

Para a realização desta investigação, foi necessário ter previamente a autorização do Ministério da Educação para proceder à recolha de dados. Uma vez recebida, foi estabelecido contacto com os/as diretores/as de três escolas da região do Alentejo e do Médio Tejo, solicitando a sua colaboração. Posteriormente, estabeleceu-se contacto com os/as diretores/as de turma do ensino secundário, quer dos cursos científico-humanísticos, quer dos cursos profissionais, os/as quais foram envolvidos/as como facilitadores/as no contacto com os/as encarregados/as de educação dos/as estudantes abrangidos para a investigação. Aos/Às encarregados/as de educação, foi solicitada uma autorização formal, por escrito, explicando sumariamente o objetivo do estudo.

A recolha de dados foi realizada em escolas de três concelhos (duas escolas do distrito de Santarém, sendo uma destas capital de distrito, e uma do distrito de Évora) através de um questionário *online*, que reunia todos os instrumentos, disponibilizado através da plataforma *Google Forms*, e que foi enviado para o e-mail institucional dos/as participantes autorizados/as a participar na investigação.

No início do questionário, foi explicado qual o objetivo geral da investigação e assegurados os princípios éticos e de confidencialidade. O questionário *online* esteve disponível entre o dia 9 de junho de 2023 e o dia 15 de setembro de 2023, tendo o *link* sido reenviado ao longo deste período de tempo, de forma a obter o maior número de respostas possível.

Análise de Dados

Após a recolha, os dados foram exportados do *Google Forms* para o Excel onde se procedeu à sua limpeza e categorização de forma a organizar a base de dados, e após

este processo, os mesmos foram exportados para o IBM SPSS *Statistics* (versão 27), onde se realizou a sua análise.

A verificação dos pressupostos de normalidade e da homogeneidade de variâncias revelou a existência de normalidade dos dados, mas revelou não existir homogeneidade de variâncias. Assim, realizaram-se testes paramétricos e testes não paramétricos para analisar os dados e comparar os seus resultados. Uma vez que os mesmos evidenciaram resultados similares, decidiu-se utilizar os testes paramétricos (Marôco, 2007).

Para a análise dos dados, foram realizados testes *t*, testes *one-way* ANOVA seguidos do *Post-Hoc de Bonferroni*, e por fim, foram ainda realizadas análises de correlação através do Coeficiente de Correlação de *Pearson*.

Assim, foram realizados testes *t* para duas amostras independentes (Marôco, 2007), sendo que estes testes se aplicam sempre que existe uma variável quantitativa dependente, e se tem como objetivo comparar a sua média em dois grupos populacionais independentes definidos por uma variável qualitativa independente (Laureano, 2013), por exemplo, aquando da comparação de médias no *Inventário de Sexismo Ambivalente* em função do género. Os testes *t* apresentam resultados, quer para quando a suposição é violada, quer para quando não o é (Pallant, 2005).

Foram realizados testes *one-way* ANOVA para comparar médias de várias amostras independentes (Marôco, 2007), e aplicam-se quando existe uma variável quantitativa dependente, e se tem como objetivo comparar a sua média em dois ou mais grupos populacionais independentes, estando estes definidos por uma variável qualitativa independente ou por um fator (Laureano, 2013), por exemplo, aquando da comparação de médias no *Inventário de Sexismo Ambivalente* em função da posição religiosa. Apesar dos testes *one-way* ANOVA poderem ser utilizados com dois grupos, na prática é frequente realizar testes *t* quando são duas amostras independentes (Laureano, 2013). Os testes *one-way* ANOVA apresentam resultados robustos, embora só devam ser utilizados se a distribuição da variável em estudo for normal, e se existir homogeneidade das variâncias populacionais (Marôco, 2007). Ainda relativamente aos testes *one-way* ANOVA, foi necessário realizar testes *Post-Hoc*, mais especificamente, de *Bonferroni* para descobrir que médias apresentavam diferenças significativas entre os grupos (Marôco, 2007).

Em ambos os testes mencionados acima (testes *t* e *one-way* ANOVA) foi ainda analisado o valor *eta squared* (η^2) de forma a compreender o efeito da força da relação entre as variáveis (Cohen, 1988), sendo que o valor pode variar de 0 a 1. Admite-se que existe um efeito pequeno na força da relação entre as variáveis quando $\eta^2 < .06$, um efeito moderado quando o valor se encontra $.06 < \eta^2 < .14$ e, um grande efeito quando $\eta^2 > .14$ (Fritz et al., 2012; Pallant, 2005).

Por fim, foram realizadas análises de correlação através da análise do Coeficiente de Correlação de *Pearson*, o qual se aplica quando se tenciona analisar se existe relação entre duas variáveis quantitativas (Laureano, 2013), mas também, se essa relação, no caso de existir, é positiva ou negativa. Assim, quando a relação, para além de significativa, se apresenta como positiva, significa que o aumento de uma variável levará inevitavelmente ao aumento da outra, no entanto, se a relação se apresentar negativa, indica que o aumento de uma variável levará à diminuição da outra (Pallant, 2005). Os resultados foram interpretados de acordo com as diretrizes de Cohen (1988), sendo que o valor de *r* pode variar de -1 a 1. Quando o valor se encontra entre $\pm .10$ e $\pm .29$ é considerado baixo e evidencia a existência de uma correlação fraca, quando se encontra entre $\pm .30$ e $\pm .49$ é considerado moderado e evidencia a existência de uma correlação moderada e, quando se encontra entre $\pm .50$ e ± 1 é considerado alto e evidencia uma correlação forte entre os fatores (Espírito-Santo & Daniel, 2017).

3. Apresentação e Análise de Resultados

Respostas às Questões de Investigação

1. *Existem diferenças na forma como o sexismo ambivalente, se manifesta na perspetiva de ambos os sexos, tendo em conta: 1.a) o género; 1.b) a idade; 1.c) a posição religiosa; e por fim, 1.d) a posição política.*

a) *Diferenças de médias na forma como o sexismo ambivalente se manifesta em função do género*

Como se pode observar na tabela 5, existem diferenças estatisticamente significativas ($t = 5.707 / p = < .001$) entre as médias do género feminino e do género masculino ($\bar{x} = 2.29$ e $\bar{x} = 2.99$, respetivamente) no que respeita ao *Sexismo Hostil*, sendo que as diferenças encontradas, de acordo com as *guidelines* de Cohen, demonstram um efeito grande entre as variáveis ($\eta^2 = .196$).

Tabela 5.

Comparação de médias no Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) em função do género

| Fatores | Género | | t | p |
|----------------------------|---------------------------|----------------------------|-------|--------|
| | Feminino \bar{x} (s) | Masculino \bar{x} (s) | | |
| <i>Sexismo Hostil</i> | 2.29 (.655) | 2.99 (.780) | 5.707 | < .001 |
| <i>Sexismo Benevolente</i> | 2.69 (.626) | 2.83 (.748) | 1.121 | .264 |

Estes resultados demonstram que os participantes do género masculino apresentam atitudes de *Sexismo Hostil* em relação às mulheres, superiores aos do género feminino. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os géneros no que diz respeito ao *Sexismo Benevolente*. Desta forma, podemos concluir que as diferenças entre os géneros se manifestam apenas no que concerne ao *Sexismo Hostil*.

b) *Diferenças de médias na forma como o sexismo ambivalente se manifesta em função da idade*

Tal como se verifica na tabela 6, existem diferenças estatisticamente significativas ($F = 3.698 / p = .013$) entre as médias dos grupos de idades ($\bar{x} = 2.91 / \bar{x} = 2.62 / \bar{x} = 2.53 / \bar{x} = 2.28$) no que respeita ao *Sexismo Hostil*, sendo que as diferenças encontradas, de acordo com as *guidelines* de Cohen, evidenciam um efeito moderado entre as variáveis ($\eta^2 = .076$). Segundo o teste *Post-Hoc de Bonferroni*, a média do grupo 14/15 anos ($\bar{x} = 2.91$) é significativamente mais elevada que a média do grupo 18/19 anos ($\bar{x} = 2.28$) no que diz respeito ao *Sexismo Hostil* ($p = .008$).

Tabela 6.

Comparação de médias no Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) em função da idade

| Fatores | Idade | | | | F | η^2 | p |
|----------------------------|----------------|----------------|----------------|----------------|-------|----------|------|
| | 14 / 15 | 16 | 17 | 18 / 19 | | | |
| | \bar{x} (s) | \bar{x} (s) | \bar{x} (s) | \bar{x} (s) | | | |
| <i>Sexismo Hostil</i> | 2.91 (.842) | 2.62 (.627) | 2.53 (.776) | 2.28 (.771) | 3.698 | .076 | .013 |
| <i>Sexismo Benevolente</i> | 2.93 (.777) | 2.87 (.652) | 2.74 (.567) | 2.56 (.705) | 1.997 | .042 | .117 |

Esta análise demonstra que os/as participantes com idades entre os 14/15 anos apresentam médias superiores de *Sexismo Hostil* em relação às mulheres, comparativamente com os restantes grupos de idades. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito ao *Sexismo Benevolente*. Assim, podemos concluir que as diferenças entre as idades se expressam apenas no que respeita ao *Sexismo Hostil*.

c) *Diferenças de médias na forma como o sexismo ambivalente se manifesta em função da posição religiosa*

De acordo com a tabela 7, existem diferenças estatisticamente significativas ($F = 6.238 / p = .003$) entre as médias das posições religiosas ($\bar{x} = 2.40 / \bar{x} = 2.55 / \bar{x} = 3.00$) no que respeita ao *Sexismo Hostil*, sendo que as diferenças encontradas, de acordo com as *guidelines* de Cohen, demonstram um efeito moderado entre as variáveis ($\eta^2 = .084$). Segundo o teste *Post-Hoc de Bonferroni*, a média do grupo muito religioso/a ($\bar{x} = 3.00$) é significativamente mais elevada que a média do grupo pouco ou nada religioso/a ($\bar{x} = 2.40$) no que diz respeito ao *Sexismo Hostil* ($p = .002$).

Também existem diferenças estatisticamente significativas ($F = 13.045 / p = < .001$) entre as médias das posições religiosas ($\bar{x} = 2.52 / \bar{x} = 2.97 / \bar{x} = 3.15$) no que respeita ao *Sexismo Benevolente*, sendo que as diferenças encontradas, de acordo com as *guidelines* de Cohen, evidenciam um efeito grande entre as variáveis ($\eta^2 = .161$). O teste *Post-Hoc de Bonferroni*, a média do grupo muito religioso/a ($\bar{x} = 3.15$) é significativamente mais elevada que a média do grupo pouco ou nada religioso/a ($\bar{x} = 2.52 / p = < .001$) sendo que a média deste último grupo difere significativamente da média do grupo moderadamente religioso/a ($\bar{x} = 2.97 / p = .001$) no que diz respeito ao *Sexismo Benevolente*.

Tabela 7.

Comparação de médias no Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) em função da posição religiosa

| Fatores | Posição Religiosa | | | F | η^2 | p |
|----------------------------|----------------------|----------------------|---------------------|--------|----------|--------|
| | PNR \bar{x} (s) | MDR \bar{x} (s) | MR \bar{x} (s) | | | |
| <i>Sexismo Hostil</i> | 2.40 (.797) | 2.55 (.695) | 3.00 (.667) | 6.238 | .084 | .003 |
| <i>Sexismo Benevolente</i> | 2.52 (.657) | 2.97 (.559) | 3.15 (.592) | 13.045 | .161 | < .001 |

Legenda: PNR = Pouco ou nada religioso/a, MDR = Moderadamente religioso/a, MR = Muito religioso/a

Estes resultados demonstram que os/as participantes que se consideram muito religiosos/as apresentam atitudes de *Sexismo Hostil* e de *Sexismo Benevolente* em relação às mulheres, superiores aos/às participantes que se consideram pouco ou nada religiosos/as ou moderadamente religiosos/as, sendo que as atitudes sexistas decrescem à medida que a religiosidade diminui. Desta forma, podemos concluir que as diferenças entre as posições religiosas se manifestam no que concerne ao *Sexismo Hostil* e ao *Sexismo Benevolente*.

d) Diferenças de médias na forma como o sexismo ambivalente se manifesta em função da posição política

Tal como se verifica na tabela 8, existem diferenças estatisticamente significativas ($F = 15.100 / p = < .001$) entre as médias das posições políticas ($\bar{x} = 2.14 / \bar{x} = 2.68 / \bar{x} = 2.98$) no que respeita ao *Sexismo Hostil*, sendo que as diferenças encontradas, de acordo com as *guidelines* de Cohen, demonstram um efeito grande entre as variáveis ($\eta^2 = .182$). Segundo o teste *Post-Hoc de Bonferroni*, a média do grupo de direita ($\bar{x} = 2.98$) é significativamente mais elevada que a média do grupo de esquerda ($\bar{x} = 2.14 / p = < .001$) sendo que a média deste último grupo difere significativamente da média do grupo de centro ($\bar{x} = 2.68 / p = < .001$) no que diz respeito ao *Sexismo Hostil*.

Também existem diferenças estatisticamente significativas ($F = 7.273 / p = < .001$) entre as médias das posições políticas ($\bar{x} = 2.55 / \bar{x} = 2.74 / \bar{x} = 3.12$) no que respeita ao *Sexismo Benevolente*, sendo que as diferenças encontradas, de acordo com as *guidelines* de Cohen, evidenciam um efeito moderado entre as variáveis ($\eta^2 = .097$). O teste *Post-Hoc de Bonferroni*, a média do grupo de direita ($\bar{x} = 3.12$) é significativamente mais elevada que a média do grupo de centro ($\bar{x} = 2.74 / p = .027$) e igualmente mais elevada que a média do grupo de esquerda ($\bar{x} = 2.55 / p = < .001$) no que diz respeito ao *Sexismo Benevolente*.

Tabela 8.

Comparação de médias no Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) em função da posição política

| Fatores | Posição Política | | | F | η^2 | p |
|----------------------------|------------------|---------------|---------------|--------|----------|--------|
| | ESQ | CTR | DRT | | | |
| | \bar{x} (s) | \bar{x} (s) | \bar{x} (s) | | | |
| <i>Sexismo Hostil</i> | 2.14 (.629) | 2.68 (.758) | 2.98 (.732) | 15.100 | .182 | < .001 |
| <i>Sexismo Benevolente</i> | 2.55 (.661) | 2.74 (.664) | 3.12 (.578) | 7.273 | .097 | < .001 |

Legenda: ESQ = Esquerda, CTR = Centro, DRT = Direita

Esta análise demonstra que os/as participantes que consideram ter uma ideologia política mais à direita apresentam atitudes de *Sexismo Hostil* e de *Sexismo Benevolente* em relação às mulheres, superiores aos/às participantes que consideram ter uma ideologia política mais de centro/esquerda, sendo que as atitudes sexistas decrescem à medida que a posição política se aproxima da esquerda. Assim, podemos concluir que as diferenças entre as posições políticas se expressam no que respeita ao *Sexismo Hostil* e ao *Sexismo Benevolente*.

2. Existem diferenças na forma como a ambivalência em relação aos homens, se manifesta na perspetiva de ambos os sexos, tendo em conta: 1.a) o género; 1.b) a idade; 1.c) a posição religiosa; e por fim, 1.d) a posição política.

a) Diferenças de médias na forma como a ambivalência em relação aos homens se manifesta em função do género

Como se pode observar na tabela 9, existem diferenças estatisticamente significativas ($t = 3.109 / p = .002$) entre as médias do género feminino e do género masculino ($\bar{x} = 2.93$ e $\bar{x} = 2.50$, respetivamente) no que respeita ao *Sexismo Hostil*, sendo que as diferenças encontradas, de acordo com as *guidelines* de Cohen, demonstram um efeito moderado entre as variáveis ($\eta^2 = .068$).

Também existem diferenças estatisticamente significativas ($t = 4.421 / p = < .001$) entre as médias do género feminino e do género masculino ($\bar{x} = 2.04$ e $\bar{x} = 2.75$, respetivamente) no que respeita ao *Sexismo Benevolente*, sendo que as diferenças encontradas, de acordo com as *guidelines* de Cohen, evidenciam um efeito moderado entre as variáveis ($\eta^2 = .128$).

Tabela 9.

Comparação de médias no Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens (AMI) em função do género

| Fatores | Género | | t | p |
|----------------------------|---------------------------|----------------------------|-------|--------|
| | Feminino \bar{x} (s) | Masculino \bar{x} (s) | | |
| <i>Sexismo Hostil</i> | 2.93 (.763) | 2.50 (.794) | 3.109 | .002 |
| <i>Sexismo Benevolente</i> | 2.04 (.825) | 2.75 (1.026) | 4.421 | < .001 |

Estes resultados demonstram que as participantes do género feminino apresentam atitudes de *Sexismo Hostil* em relação aos homens, superiores aos do género masculino; e os participantes do género masculino apresentam atitudes de *Sexismo Benevolente* em relação aos homens, superiores às do género feminino. Desta forma, podemos concluir que as diferenças entre os géneros se manifestam no que concerne ao *Sexismo Hostil* e ao *Sexismo Benevolente*.

b) *Diferenças de médias na forma como a ambivalência em relação aos homens se manifesta em função da idade*

Tal como se verifica na tabela 10, existem diferenças estatisticamente significativas ($F = 2.732 / p = .046$) entre as médias dos grupos de idades ($\bar{x} = 2.64 / \bar{x} = 2.51 / \bar{x} = 2.19 / \bar{x} = 2.05$) no que respeita ao *Sexismo Benevolente*, sendo que as diferenças encontradas, de acordo com as *guidelines* de Cohen, demonstram um efeito pequeno entre as variáveis ($\eta^2 = .057$). O teste *Post-Hoc de Bonferroni*, não permitiu distinguir quais os grupos de idades que tinham médias significativamente diferentes.

Tabela 10.

Comparação de médias no Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens (AMI) em função da idade

| Fatores | Idade | | | | F | η^2 | p |
|----------------------------|-----------------|----------------|----------------|----------------|-------|----------|------|
| | 14 / 15 | 16 | 17 | 18 / 19 | | | |
| | \bar{x} (s) | \bar{x} (s) | \bar{x} (s) | \bar{x} (s) | | | |
| <i>Sexismo Hostil</i> | 3.01 (.769) | 2.85 (.666) | 2.83 (.875) | 2.51 (.779) | 2.349 | .050 | .075 |
| <i>Sexismo Benevolente</i> | 2.64 (1.056) | 2.51 (.824) | 2.19 (.933) | 2.05 (.959) | 2.732 | .057 | .046 |

Esta análise demonstra que os/as participantes com idades entre os 14/15 anos apresentam médias superiores de *Sexismo Benevolente* em relação aos homens, comparativamente com os restantes grupos de idades, sendo que as atitudes sexistas decrescem à medida que a idade aumenta. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito ao *Sexismo Hostil*. Assim, podemos concluir que as diferenças entre as idades se expressam apenas no que respeita ao *Sexismo Benevolente*.

c) Diferenças de médias na forma como a ambivalência em relação aos homens se manifesta em função da posição religiosa

De acordo com a tabela 11, existem diferenças estatisticamente significativas ($F = 5.268 / p = .006$) entre as médias das posições religiosas ($\bar{x} = 2.59 / \bar{x} = 2.96 / \bar{x} = 3.08$) no que respeita ao *Sexismo Hostil*, sendo que as diferenças encontradas, de acordo com as guidelines de Cohen, evidenciam um efeito moderado entre as variáveis ($\eta^2 = .073$). Segundo o teste *Post-Hoc de Bonferroni*, a média do grupo muito religioso/a ($\bar{x} = 3.08$) é significativamente mais elevada que a média do grupo pouco ou nada religioso/a ($\bar{x} = 2.59$) no que diz respeito ao *Sexismo Hostil* ($p = .017$).

Também existem diferenças estatisticamente significativas ($F = 10.197 / p = < .001$) entre as médias das posições religiosas ($\bar{x} = 2.01 / \bar{x} = 2.55 / \bar{x} = 2.85$) no que respeita ao *Sexismo Benevolente*, sendo que as diferenças encontradas, de acordo com as guidelines de Cohen, demonstram um efeito moderado entre as variáveis ($\eta^2 = .130$). O

teste *Post-Hoc de Bonferroni*, a média do grupo muito religioso/a ($\bar{x} = 2.85$) é significativamente mais elevada que a média do grupo pouco ou nada religioso/a ($\bar{x} = 2.01 / p = < .001$) sendo que a média deste último grupo difere significativamente da média do grupo moderadamente religioso/a ($\bar{x} = 2.55 / p = .013$) no que diz respeito ao *Sexismo Benevolente*.

Tabela 11.

Comparação de médias no Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens (AMI) em função da posição religiosa

| Fatores | Posição Religiosa | | | F | η^2 | p |
|----------------------------|----------------------|----------------------|---------------------|--------|----------|--------|
| | PNR \bar{x} (s) | MDR \bar{x} (s) | MR \bar{x} (s) | | | |
| <i>Sexismo Hostil</i> | 2.59 (.880) | 2.96 (.662) | 3.08 (.517) | 5.268 | .073 | .006 |
| <i>Sexismo Benevolente</i> | 2.01 (.889) | 2.55 (.908) | 2.85 (.931) | 10.197 | .130 | < .001 |

Legenda: PNR = Pouco ou nada religioso/a, MDR = Moderadamente religioso/a, MR = Muito religioso/a

Estes resultados demonstram que os/as participantes que se consideram muito religiosos/as apresentam atitudes de *Sexismo Hostil* e de *Sexismo Benevolente* em relação aos homens, superiores aos/às participantes que se consideram pouco ou nada religiosos/as ou moderadamente religiosos/as, sendo que as atitudes sexistas decrescem à medida que a religiosidade diminui. Desta forma, podemos concluir que as diferenças entre as posições religiosas se manifestam no que concerne ao *Sexismo Hostil* e ao *Sexismo Benevolente*.

d) *Diferenças de médias na forma como a ambivalência em relação aos homens se manifesta em função da posição política*

Tal como se verifica na tabela 12, existem diferenças estatisticamente significativas ($F = 10.374 / p = < .001$) entre as médias das posições políticas ($\bar{x} = 2.13 / \bar{x} = 2.11 / \bar{x} = 2.96$) no que respeita ao *Sexismo Benevolente*, sendo que as diferenças encontradas, de acordo com as *guidelines* de Cohen, evidenciam um efeito moderado entre as variáveis ($\eta^2 =$

.132). Segundo o teste *Post-Hoc de Bonferroni*, a média do grupo de direita ($\bar{x} = 2.96$) é significativamente mais elevada que a média do grupo de centro ($\bar{x} = 2.11 / p = < .001$) e igualmente mais elevada que a média do grupo de esquerda ($\bar{x} = 2.13 / p = < .001$) no que diz respeito ao *Sexismo Benevolente*.

Tabela 12.

Comparação de médias no Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens (AMI) em função da posição política

| Fatores | Posição Política | | | F | η^2 | p |
|----------------------------|------------------|---------------|---------------|--------|----------|--------|
| | ESQ | CTR | DRT | | | |
| | \bar{x} (s) | \bar{x} (s) | \bar{x} (s) | | | |
| <i>Sexismo Hostil</i> | 2.82 (.973) | 2.69 (.677) | 2.87 (.690) | .589 | .009 | .556 |
| <i>Sexismo Benevolente</i> | 2.13 (.946) | 2.11 (.826) | 2.96 (.962) | 10.374 | .132 | < .001 |

Legenda: ESQ = Esquerda, CTR = Centro, DRT = Direita

Esta análise demonstra que os/as participantes que consideram ter uma ideologia política mais à direita apresentam atitudes de *Sexismo Benevolente* em relação aos homens, superiores aos/às participantes que consideram ter uma ideologia política mais centro/esquerda, sendo que as atitudes sexistas decrescem da posição política de direita, para a da esquerda, e da última posição política mencionada para a posição política mais de centro. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito ao *Sexismo Hostil*. Assim, podemos concluir que as diferenças entre as posições políticas se expressam no que respeita ao *Sexismo Benevolente*.

3. Qual a relação entre sexismo ambivalente e a ambivalência em relação aos homens?

Através da observação da tabela 13, é possível verificar que o fator *Sexismo Hostil* do *Inventário de Sexismo Ambivalente*, se correlaciona de forma positiva com todos os fatores, nomeadamente, com o fator *Sexismo Benevolente* do mesmo inventário ($r = .638 / p = < .01$), apresentando uma correlação forte; com o fator *Sexismo Hostil* do *Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens* ($r = .201 / p = < .05$) apresentando uma

correlação fraca; e com o fator *Sexismo Benevolente* do mesmo inventário ($r = .697 / p = < .01$), apresentando uma correlação forte.

O fator *Sexismo Benevolente* do *Inventário de Sexismo Ambivalente*, correlaciona-se de forma positiva com todos os fatores, nomeadamente, com o fator *Sexismo Hostil* do *Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens* ($r = .500 / p = < .01$), apresentando uma correlação moderada; e com o fator *Sexismo Benevolente* do mesmo inventário ($r = .695 / p = < .01$), apresentando uma correlação forte.

Por fim, o fator *Sexismo Hostil* do *Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens*, correlaciona-se de forma positiva com o fator *Sexismo Benevolente* do mesmo inventário ($r = .392 / p = < .01$), apresentando uma correlação moderada.

Tabela 13.

Coefficiente de Correlação de Pearson (r) entre os fatores do *Inventário de Sexismo Ambivalente* e do *Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens*

| Fatores | 1 | 2 | 3 | 4 |
|-------------------------------------|--------|--------|--------|---|
| 1) <i>Sexismo Hostil (ISA)</i> | - | | | |
| 2) <i>Sexismo Benevolente (ISA)</i> | .638** | - | | |
| 3) <i>Sexismo Hostil (AMI)</i> | .201* | .500** | - | |
| 4) <i>Sexismo Benevolente (AMI)</i> | .697** | .695** | .392** | - |

* $p < .05$ / ** $p < .01$

Estes resultados demonstram que, quer no sexismo relativamente às mulheres, quer no sexismo relativamente aos homens, o *Sexismo Hostil* e o *Sexismo Benevolente* encontram-se correlacionados. Assim, e no que se refere ao sexismo, podemos concluir que ele se manifesta não apenas face aos homens, mas também face às mulheres, seja de forma hostil, seja de forma benevolente. As afirmações que fazem parte de ambos os instrumentos, demonstram tipos de crenças sexistas que afetam homens e mulheres, quer seja ao destacar a superior capacidade de um género em detrimento de outro, quer seja a

designar determinados papéis de género consoante a suposta capacidade que um género terá a mais do que o outro.

4. *Existem diferenças na forma como os valores pessoais, se manifestam na perspetiva de ambos os sexos, tendo em conta: 1.a) o género; 1.b) a idade; 1.c) a posição religiosa; e por fim, 1.d) a posição política.*

a) *Diferenças de médias na forma como os valores pessoais se manifestam em função do género*

Como se pode observar na tabela 14, existem diferenças estatisticamente significativas ($t = 3.074 / p = .003$) entre as médias do género feminino e do género masculino ($\bar{x} = 4.80$ e $\bar{x} = 4.23$, respetivamente) no que respeita ao *Domínio Coletivo*, sendo que as diferenças encontradas, de acordo com as *guidelines* de Cohen, demonstram um efeito moderado entre as variáveis ($\eta^2 = .072$).

Tabela 14.

Comparação de médias no Questionário de Valores Pessoais (QVP) em função do género

| Domínios | Género | | t | p |
|------------------|---------------------------|----------------------------|-------|------|
| | Feminino \bar{x} (s) | Masculino \bar{x} (s) | | |
| <i>Hedonista</i> | 4.56 (.546) | 4.34 (.805) | 1.927 | .056 |
| <i>Coletivo</i> | 4.80 (.526) | 4.23 (.919) | 3.074 | .003 |

Estes resultados demonstram que as participantes do género feminino apresentam valores de *Domínio Coletivo*, i.e. valores maioritariamente focados na relação com o *Outro*, superiores aos do género masculino. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito ao *Domínio Hedonista*. Desta forma, podemos concluir que as diferenças entre os géneros se manifestam apenas no que concerne ao *Domínio Coletivo*.

Uma análise mais fina, permite constatar que as diferenças entre os géneros no *Domínio Coletivo*, se verificaram em três dos quatro fatores considerados neste domínio: no fator *Relacional* ($t = 2.843 / p = .005$), no fator *Tradicionalismo* ($t = 2.088 / p = .039$) e no fator *Preocupação Social* ($t = 3.983 / p = < .001$), sempre com médias superiores no género feminino. No que respeita ao *Domínio Hedonista*, apenas se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($t = 2.813 / p = .006$) entre o género feminino e o género masculino ($\bar{x} = 5.33$ e $\bar{x} = 4.94$, respetivamente) no fator *Equilíbrio Pessoal*. (Anexo 1)

b) Diferenças de médias na forma como os valores pessoais se manifestam em função da idade

De acordo com a tabela 15, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito ao *Domínio Hedonista* e ao *Domínio Coletivo*.

Tabela 15.

Comparação de médias no Questionário de Valores Pessoais (QVP) em função da idade

| Domínios | Idade | | | | F | η^2 | p |
|------------------|----------------|----------------|----------------|----------------|-------|----------|------|
| | 14 / 15 | 16 | 17 | 18 / 19 | | | |
| | \bar{x} (s) | \bar{x} (s) | \bar{x} (s) | \bar{x} (s) | | | |
| <i>Hedonista</i> | 4.37 (.595) | 4.36 (.784) | 4.61 (.692) | 4.52 (.516) | 1.172 | .025 | .323 |
| <i>Coletivo</i> | 4.58 (.819) | 4.51 (.861) | 4.71 (.647) | 4.79 (.567) | 1.082 | .023 | .359 |

Também não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre as idades em nenhum fator, quer no que respeita ao *Domínio Hedonista*, quer ao *Domínio Coletivo*. (Anexo 1) Assim, podemos concluir que não existem diferenças entre as idades, quer no que respeita ao *Domínio Hedonista*, quer no que respeita ao *Domínio Coletivo*.

c) *Diferenças de médias na forma como os valores pessoais se manifestam em função da posição religiosa*

Tal como se verifica na tabela 16, existem diferenças estatisticamente significativas ($F = 3.393 / p = .036$) entre as médias das posições religiosas ($\bar{x} = 4.36 / \bar{x} = 4.56 / \bar{x} = 4.72$) no que respeita ao *Domínio Hedonista*, sendo que as diferenças encontradas, de acordo com as *guidelines* de Cohen, evidenciam um efeito pequeno entre as variáveis ($\eta^2 = .048$). Segundo o teste *Post-Hoc de Bonferroni*, a média do grupo muito religioso/a ($\bar{x} = 4.72$) é significativamente mais elevada que a média do grupo pouco ou nada religioso/a ($\bar{x} = 4.36$) no que diz respeito ao *Domínio Hedonista* ($p = .047$).

Tabela 16.

Comparação de médias no Questionário de Valores Pessoais (QVP) em função da posição religiosa

| <i>Domínios</i> | <i>Posição Religiosa</i> | | | <i>F</i> | <i>η2</i> | <i>p</i> |
|------------------|--------------------------|---------------|---------------|----------|-----------|----------|
| | <i>PNR</i> | <i>MDR</i> | <i>MR</i> | | | |
| | \bar{x} (s) | \bar{x} (s) | \bar{x} (s) | | | |
| <i>Hedonista</i> | 4.36 (.596) | 4.56 (.757) | 4.72 (.621) | 3.393 | .048 | .036 |
| <i>Coletivo</i> | 4.56 (.719) | 4.67 (.742) | 4.93 (.607) | 2.762 | .039 | .067 |

Legenda: PNR = Pouco ou nada religioso/a, MDR = Moderadamente religioso/a, MR = Muito religioso/a

Estes resultados demonstram que os/as participantes que se consideram muito religiosos/as apresentam valores de *Domínio Hedonista*, i.e. valores maioritariamente individuais, superiores aos/às participantes que se consideram pouco ou nada religiosos/as ou moderadamente religiosos/as, sendo que a importância dada a estes valores decresce à medida que a religiosidade diminui. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito ao *Domínio Coletivo*. Desta forma, podemos concluir que as diferenças entre as posições religiosas se manifestam apenas no que concerne ao *Domínio Hedonista*.

Uma análise mais fina, permite constatar que as diferenças entre as posições religiosas no *Domínio Hedonista*, se verificaram em apenas um dos quatro fatores

considerados neste domínio: no fator *Poder Social* ($F = 11.478 / p = < .001$). No que respeita ao *Domínio Coletivo*, apenas se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($F = 13.212 / p = < .001$) entre as posições religiosas ($\bar{x} = 3.78 / \bar{x} = 4.16 / \bar{x} = 4.75$) no fator *Espiritualidade*. (Anexo 1)

d) Diferenças de médias na forma como os valores pessoais se manifestam em função da posição política

Como se pode observar na tabela 17, existem diferenças estatisticamente significativas ($F = 3.845 / p = .024$) entre as médias das posições políticas ($\bar{x} = 4.44 / \bar{x} = 4.37 / \bar{x} = 4.76$) no que respeita ao *Domínio Hedonista*, sendo que as diferenças encontradas, de acordo com as *guidelines* de Cohen, demonstram um efeito pequeno entre as variáveis ($\eta^2 = .054$). Segundo o teste *Post-Hoc de Bonferroni*, a média do grupo de direita ($\bar{x} = 4.76$) é significativamente mais elevada que a média do grupo de centro ($\bar{x} = 4.37$) no que diz respeito ao *Domínio Hedonista* ($p = .023$).

Tabela 16.

Comparação de médias no *Questionário de Valores Pessoais (QVP)* em função da posição política

| Domínios | Posição Política | | | F | η^2 | p |
|-----------|----------------------|----------------------|----------------------|-------|----------|------|
| | ESQ \bar{x} (s) | CTR \bar{x} (s) | DRT \bar{x} (s) | | | |
| Hedonista | 4.44 (.617) | 4.37 (.598) | 4.76 (.758) | 3.845 | .054 | .024 |
| Coletivo | 4.60 (.675) | 4.59 (.714) | 4.89 (.756) | 2.010 | .029 | .138 |

Legenda: ESQ = Esquerda, CTR = Centro, DRT = Direita

Esta análise demonstra que os/as participantes que consideram ter uma ideologia política mais à direita apresentam valores de *Domínio Hedonista*, i.e. valores maioritariamente individuais, superiores aos/às participantes que consideram ter uma ideologia política mais de centro/esquerda, sendo que a importância dada a estes valores decresce à medida que a posição política se aproxima do centro. Não se verificaram

diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito ao *Domínio Coletivo*. Assim, podemos concluir que as diferenças entre as posições políticas se expressam apenas no que respeita ao *Domínio Hedonista*.

Uma análise mais fina, permite constatar que as diferenças entre as posições políticas no *Domínio Hedonista*, se verificaram em dois dos quatro fatores considerados neste domínio: no fator *Poder Social* ($F = 9.501 / p = < .001$) e no fator *Realização Pessoal* ($F = 3.613 / p = .030$). No que respeita ao *Domínio Coletivo*, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas ($F = 3.139 / p = .046$) entre as posições políticas ($\bar{x} = 4.65 / \bar{x} = 4.73 / \bar{x} = 5.05$) no fator *Tradicionalismo*, e verificaram-se também diferenças estatisticamente significativas ($F = 5.218 / p = .007$) entre as posições políticas ($\bar{x} = 3.89 / \bar{x} = 3.96 / \bar{x} = 4.51$) no fator *Espiritualidade*. (Anexo 1)

5. Qual a relação entre o sexismo ambivalente, a ambivalência em relação aos homens e os valores pessoais?

Através da observação da tabela 18, é possível verificar que o fator *Sexismo Hostil* do *Inventário de Sexismo Ambivalente*, se correlaciona de forma negativa com três fatores, nomeadamente, com o fator *Relacional* do *Questionário de Valores Pessoais* ($r = - .273 / p = < .01$), apresentando uma correlação fraca; com o fator *Equilíbrio Pessoal* do mesmo questionário ($r = - .282 / p = < .01$), apresentando uma correlação fraca; e com o fator *Preocupação Social* do mesmo questionário ($r = - .248 / p = < .01$), apresentando uma correlação fraca. No entanto, o fator *Sexismo Hostil* do *Inventário de Sexismo Ambivalente*, correlaciona-se de forma positiva com o fator *Poder Social* do *Questionário de Valores Pessoais* ($r = .329 / p = < .01$), apresentando uma correlação moderada.

O fator *Sexismo Benevolente* do *Inventário de Sexismo Ambivalente*, correlaciona-se de forma positiva com o fator *Poder Social* do *Questionário de Valores Pessoais* ($r = .422 / p = < .01$).

O fator *Sexismo Hostil* do *Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens*, correlaciona-se de forma positiva com o fator *Poder Social* do *Questionário de Valores Pessoais* ($r = .420 / p = < .01$), apresentando uma correlação moderada.

Por fim, o fator *Sexismo Benevolente do Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens*, correlaciona-se de forma negativa com três fatores, nomeadamente, com o fator *Relacional do Questionário de Valores Pessoais* ($r = - .363 / p = < .01$), apresentando uma correlação moderada; com o fator *Equilíbrio Pessoal* do mesmo questionário ($r = - .404 / p = < .01$), apresentando uma correlação moderada; e com o fator *Preocupação Social* do mesmo questionário ($r = - .310 / p = < .01$), apresentando uma correlação moderada. No entanto, o fator *Sexismo Benevolente do Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens*, correlaciona-se de forma positiva com o fator *Poder Social do Questionário de Valores Pessoais* ($r = .47 / p = < .01$), apresentando uma correlação moderada.

Tabela 18. Coeficiente de Correlação de Pearson (*r*) entre os fatores do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA), do Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens (AMI) e do Questionário de Valores Pessoais (QVP)

| Fatores | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 |
|------------------------------|---------|--------|--------|---------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|----|
| 1) Sexismo Hostil (ISA) | - | | | | | | | | | | | |
| 2) Sexismo Benevolente (ISA) | .638** | - | | | | | | | | | | |
| 3) Sexismo Hostil (AMI) | .201* | .500** | - | | | | | | | | | |
| 4) Sexismo Benevolente (AMI) | .697** | .695** | .392** | - | | | | | | | | |
| 5) Relacional (QVP) | -.273** | -.140 | -.080 | -.363** | - | | | | | | | |
| 6) Tradicionalismo (QVP) | -.050 | .008 | .014 | -.088 | .831** | - | | | | | | |
| 11) Preocupação Social (QVP) | -.248** | -.070 | .058 | -.310** | .844** | .785** | .672** | .174* | .809** | .727** | - | |
| 12) Espiritualidade (QVP) | -.036 | .054 | .058 | .017 | .515** | .552** | .372** | .214* | .426** | .374** | .515** | - |
| 7) Aventura (QVP) | -.003 | .123 | .127 | -.058 | .556** | .593** | - | | | | | |
| 8) Poder Social (QVP) | .329** | .422** | .420** | .471** | -.018 | .286** | .391** | - | | | | |
| 9) Equilíbrio Pessoal (QVP) | -.282** | -.160 | -.061 | -.404** | .893** | .789** | .582** | .019 | - | | | |
| 10) Realização Pessoal (QVP) | -.056 | .060 | .074 | -.103 | .686** | .774** | .774** | .430** | .719** | - | | |

p* < .05 / *p* < .01

Domínio Coletivo
Domínio Hedonista

Estes resultados demonstram que, quer no sexismo relativamente às mulheres, quer no sexismo relativamente aos homens, o *Sexismo Hostil* e o *Sexismo Benevolente* encontram-se correlacionados de forma positiva com o fator *Poder Social*, que integra o *Domínio Hedonista*, e que engloba valores que remetem para a necessidade de domínio sobre os/as outros/as ou sobre os recursos, tais como: a ordem social, o reconhecimento social, a autoridade e a preservação da imagem.

Sendo que o *Sexismo Hostil* em relação às mulheres, e o *Sexismo Benevolente* em relação aos homens correlacionaram de forma negativa com o fator *Relacional*, que integra o *Domínio Coletivo*, e que engloba valores que expressam reconhecimento e preocupação com o bem-estar dos/as outros/as, tais como: a família, a verdade, a lealdade e a responsabilidade; e com dois fatores pertencentes ao *Domínio Hedonista*, nomeadamente, com o fator *Equilíbrio Pessoal*, que engloba valores que se referem ao equilíbrio e à independência, tais como: a igualdade, a liberdade, o respeito próprio e a independência pessoal, e com o fator *Preocupação Social*, que engloba valores que se referem às preocupações ecológicas e pró-sociais, tais como: a justiça social e a influência social.

4. Discussão

Tendo em conta os resultados obtidos, é possível concluir que existem diferenças entre géneros quanto ao tipo de sexismo (hostil e benevolente). Quer o género masculino, quer o género feminino, ambos apresentaram valores superiores de sexismo hostil para com o outro género, ou seja, os participantes manifestaram mais crenças hostis em relação ao género feminino do que as participantes, e as participantes manifestaram mais crenças hostis em relação ao género masculino do que os participantes. Contudo, no que concerne ao sexismo benevolente, o género masculino apresentou valores superiores ao género feminino, tanto em relação às mulheres, como em relação aos homens. Quanto aos valores pessoais, o género feminino apresentou valores de domínio coletivo superiores ao género masculino, mais especificamente, valores relacionais, que expressam o reconhecimento e a preocupação com o bem-estar dos/as outros/as, valores tradicionais, que remetem para o controlo de impulsos e para a conformidade com os padrões sociais e culturais vigentes, e valores de preocupação social, que se referem às preocupações ecológicas e pró-sociais.

Estes resultados são coerentes com a literatura e refletiram-se no estudo de Costa e colegas (2012), uma vez que se verificou que a ambivalência de crenças sexistas existia quer em relação aos homens, quer em relação às mulheres, sendo que os homens demonstraram níveis mais elevados de hostilidade e de benevolência em relação às mulheres e níveis mais elevados de benevolência em relação aos homens. Porém, as mulheres expressaram níveis mais elevados de hostilidade em relação aos homens. Segundo Hentschel e colegas (2019), os papéis de género derivam da distribuição discrepante entre os homens e as mulheres, uma vez que são as mulheres quem desempenha o principal papel de cuidadora, de preocupada com os outros, entre outras conceções estereotipadas de género. Os resultados obtidos nos valores pessoais, refletiram-se também no estudo de Prioste e colegas (2012), pois demonstraram que as participantes do género feminino apresentavam valores de domínio coletivo superiores, mais especificamente de valores relacionais, o que pode ser explicado pelo papel de género atribuído ao género feminino e que ainda está muito consolidado na nossa sociedade e na mente das nossas adolescentes e futuras mulheres.

No que respeita à idade, os/as participantes mais velhos/as demonstraram uma diminuição de crenças sexistas comparativamente com os/as participantes mais novos/as. Este resultado é congruente com a literatura, e confirmado por diversos estudos como de Fernández e Castro (2003), Vaamonde (2010), De Lemus et al. (2010) e de Garaigordobil e Maganto (2013) que afirmam que à medida que a idade dos/as participantes aumenta, diminuem as atitudes sexistas, quer hostis, quer benevolentes. Uma explicação para estes resultados, poderá ser o facto dos/as participantes mais novos/as ainda não possuírem um desenvolvimento moral completamente desenvolvido, e portanto, não questionarem as atitudes relativas ao sexismo, assim como outras inculcadas pelo contexto social (Fernández & Castro, 2003).

Relativamente à religiosidade, os resultados evidenciaram que os/as participantes que apresentavam maior nível de religiosidade, apresentavam igualmente valores de sexismo mais elevados, comparativamente com os/as participantes com níveis de religiosidade inferiores. Também quanto aos valores pessoais, os resultados evidenciaram que os/as participantes que apresentavam maior nível de religiosidade, apresentavam igualmente valores de domínio hedonista mais elevados, mais especificamente valores de poder social, os quais remetem para a necessidade de controlo, quer sobre os/as outros/as, quer sobre os recursos. Os resultados são congruentes com a literatura, uma vez que o estudo de Mikolajczak & Pietrzak (2014) demonstra que a religiosidade é um preditor de desigualdade de género, e consequentemente de sexismo, sendo que os/as participantes que se consideram mais religiosos/as valorizam o *status quo* social, a tradição e a conformidade, levando à interpretação das mulheres através dos papéis sociais tradicionais.

No que concerne ao posicionamento político, os resultados demonstraram que os/as participantes que se posicionaram mais à direita no espectro político, apresentavam níveis superiores de sexismo em relação às mulheres, comparativamente com os/as participantes que se posicionaram mais perto da esquerda. No entanto, relativamente ao sexismo em relação aos homens, embora os participantes que se posicionaram mais à direita tenham apresentado níveis superiores de sexismo, foram os/as participantes com uma ideologia mais ao centro que apresentaram os níveis mais baixos de sexismo. No que respeita aos valores pessoais, os resultados demonstraram que os/as participantes que se posicionaram mais à direita no espectro político, apresentaram valores de domínio

hedonista mais elevados, mais especificamente valores de poder social, que remetem para a necessidade de domínio sobre os outros ou sobre os recursos, e valores de realização pessoal, que representam a obtenção de êxito e de reconhecimento social. Estes resultados são coerentes com a literatura, uma vez que os estudos de Sibley e colegas (2007) e Lee (2013) evidenciaram que não só a ideologia política é um importante preditor de sexismo, como é o autoritarismo de direita o que mais se destaca, designadamente de sexismo benevolente, devido a ideias e a valores, tais como a ordem e a hierarquia, associados tradicionalmente à direita (Austin & Jackson, 2019) e que vão ao encontro dos valores que caracterizam o poder social.

Relativamente à relação entre o sexismo ambivalente, a ambivalência em relação aos homens e os valores pessoais, os resultados obtidos evidenciaram existir uma forte correlação entre o sexismo hostil e o sexismo benevolente, quer em relação às mulheres, quer em relação aos homens com o fator poder social, que engloba valores que remetem para a necessidade de controlo, tais como: o poder social, a ordem social, a fortuna, o reconhecimento social, a autoridade e a preservação da imagem. Este resultado é congruente com a literatura, uma vez que Formiga (2007) refere que os valores de domínio hedonista, que é o caso do fator poder social, fomentam quer o sexismo benevolente, quer o sexismo hostil. Neste sentido, Almeida (2013, citado por Torres et al., 2018) refere que as desigualdades se caracterizam por diferenças de acesso e de distribuição de recursos valorizados socialmente, tais como o dinheiro, a educação, o poder, a cultura e o reconhecimento, e que apesar de o sexo biológico ser o precursor da demanda cultural que indica os papéis de género que devem ser desempenhados pelos géneros masculino e feminino, assim como a relação que será estabelecida entre eles, estas relações não acontecem de forma igualitária e simétrica e são permeadas por relações de poder e de dominação (Nader & Caminoti, 2014).

O sexismo hostil em relação às mulheres, e o sexismo benevolente em relação aos homens correlacionaram de forma negativa com o fator relacional, que engloba valores que expressam reconhecimento e preocupação com o bem-estar dos/as outros/as, tais como: a verdade, a lealdade, a humildade, a responsabilidade e a honestidade; com o fator equilíbrio pessoal, que engloba valores que se referem ao equilíbrio e à independência, tais como: a igualdade, a liberdade e a independência pessoal; e por fim, com o fator

preocupação social, que engloba valores que se referem às preocupações ecológicas e pró-sociais, tais como: a justiça social e a influência social.

Uma vez que as subamostras não se demonstraram equivalentes no que se refere ao concelho de residência dos/as participantes, os resultados demonstraram diferenças significativas entre os/as participantes dos três concelhos de residência no que respeita ao nível de religiosidade, à posição política e aos níveis de sexismo.

Assim, os/as participantes residentes no concelho pertencente ao distrito de Évora apresentaram um nível de religiosidade inferior aos/as participantes dos dois concelhos do distrito de Santarém. Estes resultados poderão ser reflexo do menor índice de religiosidade que caracteriza a região do Alentejo, quando comparado com a região do Norte ou do Centro (Franca et al., 2018).

Quanto à posição política, os/as participantes residentes no concelho pertencente ao distrito de Évora, apresentaram uma posição política mais à esquerda do que os/as participantes dos dois concelhos do distrito de Santarém, sendo que estes últimos se posicionaram politicamente mais à direita do que os/as participantes residentes no concelho do distrito de Évora. Estes resultados refletem-se, tendo em conta o concelho pertencente ao distrito de Évora, na consistência de votações em partidos de esquerda, sendo isto perceptível através dos resultados eleitorais (Guimarães, 2022).

Em relação ao sexismo, os/as participantes residentes nos dois concelhos do distrito de Santarém, apresentaram níveis de sexismo superiores aos/as participantes residentes no concelho pertencente ao distrito de Évora, quer em relação às mulheres, quer em relação aos homens. Embora seja necessários estudos mais aprofundados, estes resultados poderão ser explicados, pelo menos parcialmente, pelas posições políticas dos/as participantes. Com efeito, os resultados eleitorais, quer das autárquicas de 2021, quer das legislativas de 2024, demonstraram que o concelho pertencente ao distrito de Évora e o concelho pertencente ao distrito de Santarém (que não é o concelho capital de distrito) apresentam resultados eleitorais mais à esquerda do que o concelho de Santarém. Sendo a ideologia política, especificamente a de direita, um forte preditor de sexismo, esta poderá ser uma explicação para os resultados encontrados. Uma outra explicação para a existência de níveis mais elevados de sexismo nos dois concelhos do distrito de

Santarém poderá ser a presença da cultura tauromáquica, em particular, no concelho de Santarém.

Em suma, os resultados obtidos nesta investigação demonstraram que, no que se refere ao sexismo, ele manifesta-se não apenas face aos homens, mas também face às mulheres, seja de forma hostil, seja de forma benevolente; que a religiosidade elevada e uma posição política de direita são, não só fortes preditores de sexismo, como de valores pessoais hedonistas, isto é, de valores que orientam a vida maioritariamente individuais e focados no *Eu*; e por fim, que quer no sexismo em relação aos homens, quer no sexismo em relação às mulheres, o sexismo hostil e o sexismo benevolente relacionam-se com valores de poder social, ou seja, com valores que remetem para a necessidade de controlo, quer sobre os/as outros/as, quer sobre os recursos.

Limitações e Estudos Futuros

De uma forma geral, é possível concluir que a maioria dos resultados desta investigação é congruente com a literatura existente, no entanto, a sua análise deve ser feita tendo em conta algumas limitações.

Uma das principais limitações da investigação efetuada tem a ver com o processo de recolha de dados e com a representatividade da amostra. A recolha de dados não foi realizada presencialmente, mas sim através de um questionário *online* que foi enviado para o email institucional dos/as participantes autorizados/as, o que dificultou o controlo do número de respostas e o qual se refletiu no número de participantes, apesar do mesmo ter sido reenviado ao longo de um determinado período de tempo, de forma a obter o maior número de respostas possível. Também o formato de autorresposta dos instrumentos utilizados no questionário, pode ter levado os/as participantes a respostas desvirtuadas do seu sentido.

O aspeto mais relevante em que a recolha de dados se demonstrou limitativa, prende-se com o facto de ter sido realizada apenas em três escolas de dois distritos do país, designadamente num concelho do Alentejo e em dois concelhos do Médio-Tejo, sendo um destes capital de distrito. Por este motivo, e após testada a equivalência das subamostras no que se refere ao concelho de residência dos/as participantes, verificou-se

não existir equivalência quanto à posição religiosa, à posição política e aos níveis de sexismo, apesar de se ter verificado existir equivalência no que respeita ao género, à idade e ao nível de instrução.

Por fim, é ainda de salientar a carência de literatura encontrada na área do sexismo em Portugal, mas principalmente na área dos valores pessoais. Neste sentido, a grande maioria da literatura que consta ao longo desta dissertação, baseia-se em estudos realizados noutros países e com amostras distintas, quer no que se refere às faixas etárias que são diferentes do foco deste estudo, quer no que se refere aos contextos culturais e geográficos dos/as participantes.

Desta forma, e tendo em conta as limitações deste trabalho, sugere-se a realização de mais estudos sobre sexismo e valores pessoais em Portugal, mais especificamente com foco nos jovens, e numa área geográfica e contexto social mais amplos.

A escola deverá ser considerada um local de excelência no que se refere à prevenção de comportamentos, neste caso específico de comportamentos sexistas, de forma a evitar situações futuras de sexismo e de violência de género. Numa perspetiva preventiva, seria importante ensinar a reconhecer as diversas formas de manifestação de sexismo, nomeadamente de sexismo benevolente, uma vez que se apresenta como um sexismo mais subtil e mais difícil de identificar. Sugere-se ainda, a realização de estudos mais aprofundados sobre sexismo no que se refere à situação observada entre os concelhos de residência, na medida em que os resultados demonstraram existir níveis superiores de sexismo nos concelhos do distrito de Santarém comparativamente com o concelho do distrito de Évora, sendo que seria interessante investigar se existe alguma relação entre a cultura tauromáquica e o sexismo.

5. Referências Bibliográficas

- Aguadullina, E., Lovakov, A., Balezina, M., & Gulevich, O. A. (2022). Ambivalent sexism and violence toward women: a meta-analysis. *European Journal of Social Psychology*, 52 (1), 819-859. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2855>
- Albuquerque, F. J. B., Noriega, J. A. V., Coelho, J. A. P. M., Neves, M. T. S., & Martins, C. R. (2006). Valores humanos básicos como preditores do bem-estar subjetivo. *Psico*, 37 (2), 131-137.
- Amâncio, L. (2004). *Aprender a Ser Homem: construindo masculinidades*. Livros Horizonte.
- American Psychological Association (2015). Key terms and concepts in understanding gender diversity and sexual orientation among students. *Informational Guide*, (pp. 20-23). Washington, DC.
- Austin, D. E., & Jackson, M. (2019). Beevolent and hostile sexism differentially predicted by facets of right-wing authoritarianism and social dominance orientation. *Personality and individual differences*, 139, 34-38. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2018.11.002>
- Bareket, O., & Fiske, S. T. (2023). A systematic review of the ambivalent sexism literature: hostile sexism protects men's power; benevolent sexism guards traditional gender roles. *Psychological Bulletin*. <https://doi.org/10.1037/bul0000400>
- Belo, R. P., Gouveia, V. V., Raymundo, J. S. & Marques, C. M. C. (2005). Correlatos valorativos do sexismo ambivalente. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 18 (1), 7-15. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000100003>
- Blakemore, J. E. O., Berenbaum, S. A., & Liben, L. S. (2009). *Gender development*. Psychology Press. <https://doi.org/10.4324/9780203889756>
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. 283-287. (2ª Ed). Erlbaum Associates.

- Conselho da Europa (2011). Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência Contra as Mulheres e a Violência Doméstica. *Série de Tratados do Conselho da Europa, N° 210*.
- Conselho da Europa (2019). *Prevenir e Combater o Sexismo*. Recomendação do Comité de Ministros do Conselho da Europa.
- Costa, P. A., Pereira, H., & Leal, I. (2012). Convencionalismo e sexismo numa população universitária. In J .L. P. Ribeiro, I. Leal, A. Pereira & S. Monteiro (orgs.), *Desafios à promoção da saúde em doenças crónicas* (pp. 102-106). Placebo Editora.
- Costa, P. A., Oliveira, R., Pereira, H., & Leal, I. (2015). Adaptação dos Inventários de Sexismo Moderno para Portugal: O Inventário de Sexismo Ambivalente e o Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 28 (1), 126-135. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528114>
- De Lemus, S., Moya, M., & Glick, P. (2010). When contact correlates with prejudice: adolescents' romantic relationship experience predicts greater benevolent sexism in boys and hostile sexism in girls. *Sex Roles*, 63, 214-225. <https://doi.org/10.1007/s11199-010-9786-2>
- Dragowski, E. A. (2014). Let's Talk About Gender. *Communiqué*, 43 (3), 1-9.
- Dunham, Y., Baron, A. S., & Banaji, M. Z. (2015). The development of implicit gender attitudes. *Developmental Science*, 19 (5), 1-9. <https://doi.org/10.1111/desc.12321>
- Etengoff, C., & Lefevor, T. G. (2021). Sexual Prejudice, Sexism and Religion. *Current Opinion in Psychology*, 40, 45-50. <https://doi.org/10.1016/j.copsy.2020.08.024>
- Espírito-Santo, H., Daniel, F. (2017). Calcular e apresentar tamanhos do efeito em trabalhos científicos: guia para reportar a força das relações. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, 3 (1), 53-64. <https://doi.org/10.7342.ismt.rpics.2017.3.1.48>
- Ferreira, M. C. (2004). Sexismo Hostil e Benevolente: inter-relações e diferenças de género. *Temas em Psicologia*, 12 (21), 119-126.

- Fernández, M. L., & Castro, Y. R. (2003). Evaluación del sexismo ambivalente en estudiantes gallegos/as. *Acción psicológica*, 2 (2), 131-136. <https://doi.org/10.5944/ap.2.2.526>
- Figueiredo, L. R., Lemos, J. R. R., Santos, M. S., Lira, M. M., & Barroso, B. O. (2021). Educação, Currículo e Desigualdade de Género: um referencial teórico. In J. F. Moura (orgs.), *Educação, Género & Sexualidade*. (pp. 14-23). Editora Científica. <https://doi.org/10.37885/210304045>
- Formiga, N. S. (2006). A orientação valorativa na manutenção do preconceito feminino: consistência correlacional entre os valores humanos e sexismo ambivalente. *Psicologia Argumento*, 24 (47), 49-59. <https://doi.org/10.7213/rpa.v24i47.20083>
- Formiga, N. S. (2007). Valores Humanos e Sexismo Ambivalente. *Revista do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminenses*, 19 (2), 381-396. <https://doi.org/10.1590/S0104-80232007000200009>
- Franca, M., Fernandes, J. L. J., & Cravidão, F. (2018). Geografia da religião em Portugal: minorias e diversidade religiosa. *Cadernos de Geografia*, 38, 7-22.
- Fritz, C. O., Morris, P. E., & Richler, J. J. (2012). Effect size estimates: current use, calculations, and interpretation. *Journal of Experimental Psychological: General*, 141 (1), 2-18. <https://doi.org/10.1037/a0024338>
- Garaigordobil, M., & Maganto, C. (2013). Sexism and eating disorders: gender differences, changes with age and relations between both constructs. *Revista de Psicopatología y Psicología Clínica*, 18, 183-192. <https://doi.org/10.5944/rppc.vol.18num3.2013.12919>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating Hostile and Benevolent Sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70 (3), 491-512. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1997). Hostile and Benevolent Sexism: measuring ambivalent sexist attitudes toward women. *Psychology of Women Quarterly*, 21 (1), 119-135. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1997.tb00104.x>

- Granjo, M., & Peixoto, F. (2013). Contributo para o estudo da Escala de Valores Humanos de Schwartz em professores. *Laboratório de Psicologia, 11* (1), 3-17. <https://doi.org/10.14417/lp.699>
- Guerra, V. M., Gouveia, V. V., Pessoa, V. S., Riviera, G. A., & Filho, M. L. S. (2004). Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens: adaptação brasileira e relação com o género. *Psicologia: Teoria e Prática, 6* (2), 47-61.
- Guimarães, M. R. (2022). *Neoliberalismo, amizades e recordações eleições numa sociedade complexa do Alentejo português*. Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais.
- Helgeson, V. S. (2012). *The Psychology of Gender*. Pearson. <https://doi.org/10.4324/9781003016014>
- Hentschel, T., Heilman, M. E., & Peus, C. V. (2019). The multiple dimensions of gender stereotypes: a current look at men's and women's characterizations and themselves. In A. H. Eagly & S. Sczesny (eds.), *Gender Roles in the Future? Theoretical Foundations and Future Research Directions* (pp. 8-26). *Frontiers in Psychology*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.00011>
- Hunsberger, B., & Jackson, L. M. (2005). Religion, meaning, and prejudice. *Journal of social issues, 61* (4), 807-826. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.2005.00433.x>
- Laureano, R. M. S. (2013). *Testes de Hipóteses com o SPSS - O Meu Manual de Consulta Rápida* (2ª Ed). Edições Sílabo.
- Lee, I., C. (2013). Endorsement of sexist ideology in Taiwan and the United States: Social dominance orientation, right-wing authoritarianism and deferential family norms. *International Journal of Psychology, 48*, 254-262. <https://doi.org/10.1080/00207594.2011.645485>
- Magalhães, S., & Alvarez, T. (2013). Introdução: As (nossas) fronteiras na investigação em Estudos de Género. In S. Magalhães & T. Alvarez (orgs.), *Romper as Fronteiras: a interseccionalidade nas questões de género e feministas* (pp. 5-6). Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres.

- Maltby, L. E., Hall, M. E. L., Anderson, T. L., & Edwards, K. (2010). Religion and Sexism: the moderating role of participant gender. *Sex Roles, 62*, 615-622. <https://doi.org/10.1007/s11199-010-9754-x>
- Marôco, J. (2007). *Análise Estatística - com utilização do SPSS* (3ª Ed). Edições Sílabo.
- Menezes, I., Costa, M. E., & Campos, B. P. (1989). Valores de estudantes universitários. *Cadernos de Consulta Psicológica, 5*, 53-68.
- Mikolajczak, M., & Pietrzak, J. (2014). Ambivalent Sexism and Religion: connected through values. *Sex Roles, 70*, 387-399. <https://doi.org/10.1007/s11199-014-0379-3>
- Nader, M. B., & Caminoti, J. M. (2014). Género e poder: a construção da masculinidade e o exercício do poder masculino na esfera doméstica. *Saberes e Práticas Científicas, 16*, 1-9.
- Nogueira, C. (2001a). Contribuições do construcionismo social a uma nova psicologia do género. *Cadernos de Pesquisa, 112*, 137-153. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742001000100007>
- Nogueira, C. (2001b). Feminismo e discurso de género na psicologia social. *Psicologia & Sociedade: Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social, 24* (1), 107-128.
- Pallant, J. (2005). *SPSS Survival Manual* (3ª Ed). Allen & Unwin.
- Poeschl, G., Múrias, C., & Costa, E. (2004). Desigualdades sociais e representações das diferenças entre os sexos. *Análise Social, 39* (171), 365-387.
- Prioste, A., Narciso, I., & Gonçalves, M. (2012). Questionário de Valores Pessoais Readaptado: processo de desenvolvimento e contributos iniciais para a validação. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica, 34* (1), 175-199.
- Saavedra, L. & Nogueira, C. (2006). Memórias sobre o feminismo na psicologia: para a construção de memórias futuras. *Memorandum: Memória e História na Psicologia, 11*, 113-127.

- Santos, C. M. (2012). Sexismo. In Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (org.), *Dicionário das Crises e das Alternativas* (pp. 194-195). Edições Almedina.
- Serrão, C., & Formiga, N. S. (2013). Análise estrutural do Inventário de Sexismo Ambivalente em estudantes portugueses do ensino superior. *Encontro: Revista de Psicologia*, 16 (24), 9-21.
- Sibley, C. G., Wilson, M. S., & Duckitt, J. (2007). Antecedents of men's hostile and benevolent sexism: The dual roles of social dominance orientation and right-wing authoritarianism. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 33 (2), 160-172. <https://doi.org/10.1177/0146167206294745>
- Siqueira, C. B. & Bussinguer, E. C. A. (2020). As ondas do feminismo e o seu impacto no mercado de trabalho da mulher. *Revista Thesis Juris*, 9 (1), 145-166. <http://doi.org/10.5585/rtj.v9il.14977>
- Sottomayor, M. C. (2015). A Convenção de Istambul e o novo paradigma da violência de género. *Ex aequo*, 31, 105-121.
- Tamayo, A., & Schwartz, S. H. (1993). Estrutura motivacional dos valores humanos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9 (2), 329-348.
- Torres, A. (coord.), Pinto, P. C., Costa, D., Coelho, B., Maciel, D., Reigadinha, T., & Theodoro, E. (2018). *Igualdade de género ao longo da vida: Portugal no Contexto Europeu*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Unicef (2017). *Gender Equality - Glossary of Terms and Concepts*. Unicef Regional Office for South Asia.
- Vaamonde, J. (2010). Valores y sexismo en adolescentes argentinos. *Revista Salud & Sociedad*, 1, 113-124. <https://doi.org/10.22199/S07187475.2010.0002.00005>

6. Anexos

Anexo 1: Comparação de médias no Questionário de Valores Pessoais por fatores

Em função do género:

| Fatores | Género | | <i>t</i> | <i>p</i> |
|---------------------------|---------------------------|----------------------------|----------|----------|
| | Feminino \bar{x} (s) | Masculino \bar{x} (s) | | |
| <i>Relacional</i> | 5.27 (.657) | 4.84 (1.128) | 2.843 | .005 |
| <i>Tradicionalismo</i> | 4.86 (.559) | 4.61 (.909) | 2.088 | .039 |
| <i>Aventura</i> | 4.38 (.764) | 4.18 (.890) | 1.359 | .176 |
| <i>Poder Social</i> | 3.70 (.827) | 3.66 (1.084) | .271 | .787 |
| <i>Equilíbrio Pessoal</i> | 5.33 (.632) | 4.94 (1.021) | 2.813 | .006 |
| <i>Realização Pessoal</i> | 4.83 (.725) | 4.57 (.968) | 1.744 | .083 |
| <i>Preocupação Social</i> | 4.91 (.613) | 4.37 (.968) | 3.983 | < .001 |
| <i>Espiritualidade</i> | 4.16 (.821) | 3.88 (1.042) | 1.761 | .081 |

Em função da idade:

| Fatores | Idade | | | | F | η^2 | p |
|--------------------|--------------------------|---------------------|---------------------|--------------------------|-------|----------|------|
| | 14 / 15 \bar{x} (s) | 16 \bar{x} (s) | 17 \bar{x} (s) | 18 / 19 \bar{x} (s) | | | |
| Relacional | 4.90 (1.085) | 4.89 (1.035) | 5.21 (.737) | 5.29 (.682) | 1.857 | .040 | .140 |
| Tradicionalismo | 4.68 (.745) | 4.63 (.825) | 4.86 (.707) | 4.86 (.583) | 1.019 | .022 | .386 |
| Aventura | 4.21 (.776) | 4.18 (.851) | 4.46 (.824) | 4.31 (.789) | .852 | .019 | .468 |
| Poder Social | 3.66 (.877) | 3.75 (.870) | 3.77 (.894) | 3.57 (1.034) | .396 | .009 | .756 |
| Equilíbrio Pessoal | 5.02 (.782) | 4.94 (.972) | 5.30 (.831) | 5.37 (.591) | 2.390 | .050 | .071 |
| Realização Pessoal | 4.59 (.901) | 4.55 (.963) | 4.89 (.783) | 4.82 (.668) | 1.383 | .030 | .251 |
| Preocupação Social | 4.49 (.942) | 4.51 (.923) | 4.83 (.725) | 4.88 (.615) | 2.292 | .048 | .081 |
| Espiritualidade | 4.24 (.758) | 3.99 (.949) | 3.94 (1.011) | 4.11 (.884) | .626 | .014 | .600 |

Em função da posição religiosa:

| Fatores | Posição Religiosa | | | F | η^2 | p |
|--------------------|----------------------|----------------------|---------------------|--------|----------|--------|
| | PNR \bar{x} (s) | MDR \bar{x} (s) | MR \bar{x} (s) | | | |
| Relacional | 5.11 (.931) | 5.06 (.905) | 5.17 (.679) | .099 | .001 | .905 |
| Tradicionalismo | 4.68 (.704) | 4.79 (.778) | 5.01 (.603) | 2.088 | .030 | .128 |
| Aventura | 4.21 (.769) | 4.36 (.794) | 4.52 (.933) | 1.576 | .023 | .210 |
| Poder Social | 3.38 (.861) | 3.98 (.890) | 4.19 (.807) | 11.478 | .144 | < .001 |
| Equilíbrio Pessoal | 5.23 (.855) | 5.10 (.778) | 5.19 (.739) | .276 | .004 | .759 |
| Realização Pessoal | 4.63 (.789) | 4.81 (.922) | 4.97 (.758) | 1.823 | .026 | .165 |
| Preocupação Social | 4.69 (.825) | 4.68 (.836) | 4.83 (.689) | .363 | .005 | .697 |
| Espiritualidade | 3.78 (.856) | 4.16 (.845) | 4.75 (.809) | 13.212 | .163 | < .001 |

Legenda: PNR = Pouco ou nada religioso/a, MDR = Moderadamente religioso/a, MR = Muito religioso/a

Em função da posição política:

| <i>Fatores</i> | <i>Posição Política</i> | | | <i>F</i> | <i>η²</i> | <i>p</i> |
|---------------------------|--------------------------------------|--------------------------------------|--------------------------------------|----------|----------------------|----------|
| | <i>ESQ</i> \bar{x} (<i>s</i>) | <i>CTR</i> \bar{x} (<i>s</i>) | <i>DRT</i> \bar{x} (<i>s</i>) | | | |
| <i>Relacional</i> | 5.10 (.895) | 5.08 (.890) | 5.16 (.847) | .085 | .001 | .919 |
| <i>Tradicionalismo</i> | 4.65 (.640) | 4.73 (.700) | 5.05 (.795) | 3.139 | .044 | .046 |
| <i>Aventura</i> | 4.27 (.839) | 4.24 (.699) | 4.51 (.953) | 1.222 | .018 | .298 |
| <i>Poder Social</i> | 3.58 (.901) | 3.47 (.836) | 4.29 (.884) | 9.501 | .123 | < .001 |
| <i>Equilíbrio Pessoal</i> | 5.22 (.731) | 5.17 (.853) | 5.16 (.878) | .066 | .001 | .936 |
| <i>Realização Pessoal</i> | 4.67 (.831) | 4.62 (.746) | 5.08 (.887) | 3.613 | .050 | .030 |
| <i>Preocupação Social</i> | 4.76 (.822) | 4.60 (.779) | 4.83 (.805) | 1.010 | .015 | .367 |
| <i>Espiritualidade</i> | 3.89 (.807) | 3.96 (.875) | 4.51 (1.040) | 5.218 | .071 | .007 |

Legenda: ESQ = Esquerda, CTR = Centro, DRT = Direita